UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
"Carlos Alberto Reyes Maldonado"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLETRAS

LARIZA APARECIDA PIMENTEL

CAROLINAS (2021): A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE NOVAS ESCRITORAS NEGRAS

SINOP-MT
2026

LARIZA APARECIDA PIMENTEL

CAROLINAS (2021): A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE NOVAS ESCRITORAS NEGRAS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa de Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Campus Universitário de SINOP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiane Silva Santos

SINOP-MT
202

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

P644c Pimentel, Lariza Aparecida.
CAROLINAS (2021): A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE NOVAS ESCRITORAS NEGRAS / Lariza Aparecida Pimentel. - Sinop, 2026.
78f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Letras/SNP-PPGLETRAS - Sinop - Mestrado Academico, Universidade Do Estado De Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado".
Orientador: Tatiane Silva Santos.

1. Carolinas (2021). 2. Carolina Maria de Jesus; escrita. 3. mulheres negras; formação; identidade. I. Santos, Tatiane Silva. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 305-055.2(=4(=81))

LARIZA APARECIDA PIMENTEL

CAROLINAS (2021): A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE NOVAS ESCRITORAS NEGRAS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa de Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reys Maldonado" – UNEMAT, Câmpus Universitário de SINOP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientadora
Profª. Drª. Tatiane Silva Santos
UNEMAT/Campus Universitário de Alto Araguaia/Núcleo de Rondonópolis

_____

Avaliadora Externa
Profª. Drª. Lucy Miranda do Nascimento
UFMT/Campus Universitário de Cuiabá

_____

Avaliador Interno
Prof. Dr. Jesuino Arvelino Pinto
UNEMAT – Campus Universitário de SINOP

_____

Suplente
Profª. Drª. Shirlene Rohr de Souza
UNEMAT – Campus Universitário de Alto Araguaia

SINOP-MT
2026

À minha amada avó, Luiza Pimentel *in memorian.* Mulher negra, a quem foi negado o direito de estudar e conhecer a própria história; e a todas as mulheres da minha ascendência, que de alguma forma, inspiraram-me a me tornar a primeira da minha família a conquistar o título de mestre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder a oportunidade de vivenciar este momento, por sustentar-me nas horas difíceis e por abençoar esta caminhada com pessoas valorosas e acolhedoras, que foram essenciais nesta trajetória.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGLetras), campus de SINOP, expresso minha sincera gratidão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), responsável pela concessão da bolsa de estudos. Apoio financeiro muito importante, que possibilitou minha dedicação à realização desta pesquisa.

À coordenação do Programa, docentes e toda equipe, pelo comprometimento, atenção constante e disponibilidade em atender com presteza às demandas acadêmicas.

À minha orientadora, Profª. Dr.ª Tatiane Silva Santos, minha mais profunda gratidão pela escuta sensível, orientações rigorosas e generosas. Sua postura ética, comprometida e acolhedora foi fundamental para que este trabalho ganhasse forma, direção e profundidade. Levo comigo tudo o que aprendi, dentro e fora da pesquisa.

Aos professores da banca, Profª. Dr.ª Lucy Miranda do Nascimento e Prof. Dr. Jesuino Arvelino Pinto, pelas contribuições valiosas e acolhimento.

Aos meus colegas da turma 09 do mestrado, pelos compartilhamentos, nos desafios e nos aprendizados: a convivência tornou o percurso mais leve, memorável.

À minha amiga, professora mestra Kátia de Oliveira Carvalho, que me acompanha desde a graduação. Sua presença constante foi e continua sendo fonte de motivação.

Ao meu pilar, Nayara Anderle, meu abrigo em tantos momentos. Sua força me sustentaram nos dias difíceis e me impulsionaram a seguir.

Aos meus amados filhos, Gabriel e Luiza, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, minha eterna gratidão. Obrigada pelos abraços que aquecem meu coração, por serem uma fonte inesgotável de amor, pelo cuidado silencioso e pela compreensão diante das minhas ausências. Esta conquista também é de vocês.

Aos meus pais, Francisco e Jane, por serem meu porto seguro e por sempre acreditarem nos meus sonhos. Tudo, exatamente tudo o que faço, é por vocês. Chegar até aqui foi dos maiores desafios que me propus a enfrentar. Por isso, agradeço a todas as pessoas, citadas ou não, que de alguma forma contribuíram para minha trajetória e tornaram possível esta conquista ao longo destes dois anos.

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu.

Carolina Maria de Jesus (1960, p. 143)

CAROLINAS (2021): A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE NOVAS ESCRITORAS NEGRAS

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma investigação crítica das estratégias narrativas e temáticas comuns presentes em partes selecionados da coletânea *Carolinas:* a nova geração de escritoras negras brasileiras (2021). O livro nasceu do desejo de criar espaço para a escrita de mulheres que têm muito a dizer, mas que por muito tempo foram silenciadas no cenário literário racista do país. A obra é fruto da Festa Literária das Periferias (FLUP), festival internacional que acontece anualmente no Rio de Janeiro e promove a cultura literária e atividades relacionadas à leitura em comunidades periféricas tradicionalmente excluídas. A coletânea reúne narrativas de cento e oitenta mulheres negras de diferentes áreas e realidades, inspiradas na trajetória de Carolina Maria de Jesus, a primeira mulher negra brasileira a alcançar reconhecimento internacional, com seu livro *Quarto de Despejo* (1960). As autoras da coletânea exploraram diferentes gêneros como conto, crônica e diário. Para a presente pesquisa, foram analisadas duas partes que compõem a obra: "Crônicas Carolinas", organizada por Eliana Alves Cruz e "O diário dos diários de Carolinas" organizada por Fred Coelho, parte dois e três da coletânea, respectivamente. Para alcançar os objetivos propostos seguimos o caminho metodológico de pesquisa bibliográfica e análise literária, respaldada teoricamente em estudos realizados, selecionados a partir das temáticas detectadas na leitura, no estudo detalhado do *corpus* e de abordagens associadas ao tema. Como referencial teórico nos basearemos em Sueli Carneiro (2023), Lélia Gonzalez (2020), Vilma Piedade (2017), Candido (1981 e 2003), Lejeune (2008), dentre outros autores. O processo de formação de novas escritoras negras consolida a escrita das mulheres que compõem a coletânea *Carolinas* (2021) e se configura como ponte, possibilitando vínculos que ultrapassam as barreiras do tempo e do espaço garantindo a (re)construção de memórias e saberes pela representação do passado e projeção do futuro.

Palavras-chave: *Carolinas* (2021); Carolina Maria de Jesus; escrita; mulheres negras; formação; identidade.

CAROLINAS (2021): LA LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO PROCESO DE FORMACIÓN DE NUEVAS ESCRITORAS NEGRAS

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo realizar un análisis crítico de las estrategias narrativas y temáticas comunes presentes en partes seleccionadas de la colección Carolinas: la nueva generación de escritoras negras brasileñas (2021). El libro nació del deseo de crear un espacio para la escritura de mujeres que tienen mucho que decir, pero que durante mucho tiempo fueron silenciadas en el escenario literario racista del país. La obra es resultado de la Fiesta Literaria de las Periferias (FLUP), un festival internacional que se celebra anualmente en Rio de Janeiro y promueve la cultura literaria y actividades relacionadas con la lectura en comunidades periféricas tradicionalmente excluidas. La colección reúne narrativas de ciento ochenta mujeres negras de diferentes ámbitos y realidades, inspiradas en la trayectoria de Carolina Maria de Jesus, la primera mujer negra brasileña en alcanzar reconocimiento internacional con su libro Cuarto de Desahogo (Quarto de Despejo, 1960). Las autoras de la colección exploraron diferentes géneros, como el cuento, la crónica y el diario. Para la presente investigación, se analizaron dos partes que componen la obra: Crónicas Carolinas, organizada por Eliana Alves Cruz, y El diario de los diarios de Carolinas, organizada por Fred Coelho, correspondientes a la segunda y tercera parte de la colección, respectivamente. Para alcanzar los objetivos propuestos, se siguió una metodología basada en la investigación bibliográfica y el análisis literario, sustentada teóricamente en estudios seleccionados a partir de las temáticas identificadas durante la lectura, el estudio detallado del corpus y enfoques relacionados con el tema. Como marco teórico, se tomarán como referencia los estudios de Sueli Carneiro (2023), Lélia Gonzalez (2020), Vilma Piedade (2017), Candido (1981 y 2003), Lejeune (2008), entre otros autores. El proceso de formación de nuevas escritoras negras consolida la escritura de las mujeres que integran la colección Carolinas (2021) y se configura como un puente que posibilita vínculos que trascienden las barreras del tiempo y del espacio, garantizando la (re)construcción de memorias y saberes mediante la representación del pasado y la proyección del futuro.

Palabras clave: *Carolinas* (2021); Carolina Maria de Jesus; escritura; mujeres negras; formación; identidad.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 *CAROLINAS*: A ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO 15
2.1 A escrita como resistência 21
2.2 Escrevivências em *Carolinas* 24
2.3 *Carolinas*: as escrevivências que entrelaçam memórias pessoais e coletivas 27
2.4 Parte 1 - Fazer da literatura sua morada: Cristiane Costa 28
2.5 Parte 4 - Amarelíneas: Itamar Vieira Junior 29
2.6 Parte 5 - Ontem, hoje, amanhã, Carolinas: Alexandre Faria 30
2.7 Parte 6 - Quilombo Dona Carolina: Ana Paula Lisboa 31
2.8 Parte 7 - Vedetes da favela: Milena Britto 33
2.9 Parte 8 - Catando palavras: Eduardo Coelho 34
3 ENTRE MEMÓRIAS, PALAVRAS E AFETO 36
3.1 Crônicas produzidas por mulheres negras: um vazio preenchido 38
3.2 As vozes das mulheres negras que enfrentam o cotidiano 44
3.3 Crônica e ancestralidade 48
4 DIÁRIOS: DO COTIDIANO À ESCRITA 58
4.1 Os diários e o caso do menino Miguel 62
4.2 As marcas da desigualdade reveladas na morte do menino Miguel 64
4.3 Reflexões sobre a morte de crianças negras 67
4.4 Dororidade e desigualdade 69
CONSIDERAÇÕES FINAIS 73
REFERÊNCIAS 75

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe à investigação da obra *Carolinas:* a nova geração de escritoras negras brasileiras (2021), especificamente de duas partes do livro: a parte 2 "Crônicas Carolinas", organizada por Eliana Alves Cruz, e a parte 3 "O diário dos diários de Carolinas" sob a organização de Fred Coelho. Objetivo da pesquisa e a investigação das produções das narrativas das mulheres negras que historicamente, foram relegadas à invisibilidade e *Carolinas* (2021) surge justamente como resposta a esse apagamento, trazendo para o centro da cena literária, histórias que nasceram nas margens. Inspiradas na trajetória corajosa de Carolina Maria de Jesus, as autoras da coletânea constroem uma obra que resgata memórias e denuncia realidades muitas vezes negligenciadas.

O presente estudo se insere no debate contemporâneo sobre a democratização da literatura e o fortalecimento das múltiplas vozes que formam a identidade cultural do Brasil. Segundo Fernanda Miranda, na apresentação de *Carolinas* (2021, p. 17), esse "é um livro-celebração. Um livro que traduz o encontro de cerca de duzentas mulheres negras consigo mesmas". Conforme aponta a pesquisadora, a obra nasceu da vontade de unir vozes silenciadas, com a participação de cerca de duzentas mulheres negras de diferentes contextos e vivências, demonstrando que a escrita pode ser uma forma de transformação social. O processo criativo da obra contou com a orientação de pesquisadores que auxiliaram no desenvolvimento das narrativas em diferentes oficinas.

Carolinas (2021) aborda questões relacionadas à história, memória, identidade, desigualdade, racismo, experiências de violência, maternidade e feminismo, escritas em um período muito desafiador, a pandemia de Covid-19, marcada por inúmeras mortes e pela persistência do racismo estrutural. A coletânea *Carolinas* (2021), ao homenagear a escritora Carolina Maria de Jesus, buscou manter vivo o seu legado a partir da interlocução com mulheres negras de diferentes regiões do país.

No decorrer da pesquisa, examinamos como as autoras reunidas na construção da obra *Carolinas* (2021) encontraram inspiração para escrever seus textos. Eliana Alves Cruz, organizadora da parte 2, intitulada "Crônicas Carolinas", explica que as crônicas transitam entre o presente e as lembranças do passado, costurando vivências que dialogam com as dores e as conquistas de mulheres negras brasileiras, "a crônica fala do tempo presente, mas, dentro deste relógio que aponta o agora, traz tudo o que veio antes e age como bússola para o que virá" (Cruz, 2021, p. 88). A autora destaca a força da crônica escrita por mulheres negras, por ser uma forma de registro que carrega as marcas do passado e, ao mesmo tempo, aponta

para outro entendimento sobre as experiências e vivências destas mulheres na atualidade, pois a crônica é atemporal. Entende-se, portanto, que as narrativas se entrelaçam e se constroem a partir de memórias e vivências coletivas. Assim, a análise de um texto torna-se fundamental para a compreensão da escrita como forma de emancipação.

Por séculos, as mulheres negras, foram privadas do direito de narrar suas histórias. Elas foram submetidas a silêncios impostos por estruturas patriarcais e racistas que desconsideravam suas experiências e saberes, sendo uma relação "permeada de invalidação da constituição identitária negra, um cerceamento da própria existência e imposição de diversas formas de humilhação social. Esse apagamento cronifica a tristeza e diminui a potência de ação do sujeito nas relações sociais" (Silva, Santos e Almeida, 2023, p. 11). Situação presente na vida de Carolina Maria de Jesus (2020) que rompeu com paradigmas, catou palavras da mesma forma que catava papel nas ruas, ultrapassando a invisibilidade produzida pelas condições sociais em que vivia. A obra *Carolinas* (2021) tornou-se um espaço de escrita plural, que abriga as narrativas de mulheres negras e, nesse contexto, configura-se um espaço de troca de saberes, que promove o reconhecimento mútuo.

É por meio dessas narrativas do cotidiano que a literatura se converte em um meio de reflexão social. Sendo assim, ao relatar experiências, afetos e percepções do cotidiano, a crônica se destaca como um gênero propício para o registro da vida diária. Caracterizada pela brevidade e observação atenta do cotidiano, a crônica estabelece relação direta entre literatura e realidade social, transformando acontecimentos aparentemente simples em reflexões significativas sobre o tempo presente.

Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras (2021) se sustenta na pluralidade de vozes e na herança literária de Carolina Maria de Jesus. Em suas partes 2 e 3, que compõem o *corpus* deste estudo, apresenta uma proposta que dialoga tanto com a escrita de Carolina Maria de Jesus quanto com a escrita de mulheres negras contemporâneas. Na parte 2, "Crônicas Carolinas", organizada por Eliana Alves Cruz, predomina o estilo lírico e de reflexão crítica, articulando passado e presente, em uma temporalidade em que memórias e vivências coletivas representam o cotidiano. A crônica aparece como um gênero que rompe com sua forma tradicional e a linguagem é marcada pela oralidade, transformando experiências comuns.

Em relação à parte 3, "O diário dos diários de Carolinas", organizada por Fred Coelho, os textos dialogam diretamente com a tradição do diário, baseados nos textos de Carolina Maria de Jesus. As narrativas apresentam-se em uma forma mais coloquial, com pequenos recortes do cotidiano, os textos são mais curtos, diretos e marcados pelo imediatismo. A linguagem simples

e objetiva reforça a escrita como forma de sobrevivência e autoexpressão. Assim, enquanto as crônicas apresentam maior elaboração estética e reflexiva, os diários se destacam pela espontaneidade e pela força do registro direto. Percebe-se que, em conjunto, essas partes revelam uma literatura que une estética e experiência, consolidando a escrita como registro de memória e identidade.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi desenvolvida por meio de pesquisas bibliográficas, realizada a partir da consulta a livros, artigos científicos e revistas especializadas sobre o tema. O problema de pesquisa deste estudo é compreender de que forma a literatura caroliniana interfere na produção de outras autoras, tendo como princípio as seguintes questões: em que medida essas produções abordam as temáticas, a estética e as experiências vividas por Carolina, reafirmando a força da literatura como movimento de resistência e afirmação de identidades? Como a herança literária de Carolina Maria de Jesus se mantém viva e pulsante na escrita das novas gerações, externando uma rede de influências que fortalece a divulgação de distintas vozes?

Este estudo se justifica ainda pela crescente valorização da produção literária de mulheres negras, campo fértil para o enfrentamento das injustiças sociais e representatividade. Para alcançar os objetivos propostos, seguimos o caminho metodológico de pesquisa bibliográfica e análise literária. A presente investigação está respaldada teoricamente em estudos realizados, selecionados a partir das temáticas detectadas na leitura, no estudo detalhado do *corpus* e de abordagens associadas ao tema a partir de conteúdos encontrados em fontes como livros, dissertações, teses, artigos acadêmicos, anais de eventos e documentos disponíveis em plataformas como o *Google* Acadêmico.

A pesquisa ancora-se na teoria literária, tendo como referencial teórico as análises das partes selecionadas para ampliar e aprofundar a compreensão sobre a obra e o contexto que a envolve. Como referencial teórico nos basearemos em Sueli Carneiro (2023), Lélia Gonzalez (2020), Vilma Piedade (2017), Candido (1981 e 2003), Lejeune (2008), dentre outros autores. A partir destes estudos, buscaremos compreender como o processo de formação de novas escritoras negras consolida a escrita das mulheres que compõem a coletânea *Carolinas* (2021) e se configura como ponte, possibilitando vínculos que ultrapassam as barreiras do tempo e do espaço garantindo a (re)construção de memórias e saberes pela representação do passado e projeção do futuro.

A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos, organizados com o objetivo de analisar a escrita de mulheres negras contemporâneas a partir da coletânea *Carolinas*: a nova geração de escritoras negras brasileiras (2021), estabelecendo diálogos

com o legado literário de Carolina Maria de Jesus. A pesquisa busca compreender como a literatura caroliniana influência novas autoras negras, contribuindo para a construção de memórias, identidades e formas de resistência por meio da escrita. Para isso, o estudo concentra-se na análise das partes “Crônicas Carolinas”, organizada por Eliana Alves Cruz, e “O diário dos diários de Carolinas”, organizada por Fred Coelho.

O primeiro capítulo, apresenta a temática da pesquisa, o problema investigado, os objetivos, a justificativa e os procedimentos metodológicos adotados. Também contextualiza a importância da escrita de Carolina Maria de Jesus e da coletânea *Carolinas* (2021) como espaços de valorização das vozes de mulheres negras historicamente silenciadas.

O segundo capítulo, **“**Carolinas: a escrita de Carolina Maria de Jesus como processo de formação”, aborda a trajetória da autora e sua escrita como referencia na formação, expressão e afirmação identitária. Nesse capítulo, analisa-se como Carolina Maria de Jesus transforma suas experiências cotidianas em literatura, construindo uma narrativa marcada pela resistência e tornando-se referência para novas gerações de escritoras negras.

O terceiro capítulo, “Entre memórias, palavras e afeto”, dedica-se à análise da parte 2 da coletânea *Carolinas* (2021), intitulada **“**Crônicas Carolinas”, organizada por Eliana Alves Cruz. A seção reúne textos de mulheres negras que, por meio do gênero crônica, apresentam narrativas que envolve memórias, afetos e experiências do cotidiano. A análise busca compreender como essas autoras ressignificam suas vivências e estabelecem diálogos com o legado de Carolina Maria de Jesus, utilizando a escrita como espaço de resistência, identidade e expressão.

O quarto capítulo, “Diários: do cotidiano à escrita”, analisa a parte 3 da coletânea *Carolinas* (2021), intitulada “O diário dos diários de Carolinas”, organizada por Fred Coelho. Nesse capítulo, os diários são compreendidos como registros de experiências, memórias e trajetórias de mulheres negras. A escrita de Carolina Maria de Jesus contribui para a formação de novas escritoras negras e promove a valorização de memórias, promovendo o fortalecimento da literatura brasileira.

2 *CAROLINAS*: A ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras (2021) é uma coletânea que reúne textos de diversas escritoras contemporâneas, cuja apresentação é feita pela pesquisadora Fernanda Miranda, que aborda como Carolina Maria de Jesus constitui um marco simbólico e estético na literatura brasileira. A pesquisadora menciona que Carolina é "uma mulher preta insubmissa. Altaneira. Um caminho luminoso que se abriu na mata fechada. Uma clareira. Uma revolução" (Miranda, 2021, p. 16).

Ao sustentar que "escreve quem quer" Miranda (2021, p. 16) reproduz uma ruptura com a lógica colonial que sempre delimitou quem podia ocupar o lugar de autoria legitimada no país. Nesse sentido, pode-se observar que Carolina Maria de Jesus inscreve na história uma resposta altiva ao silenciamento imposto às pessoas negras, pobres e periféricas, inaugurando uma tradição de afirmação identitária.

O livro *Carolinas* (2021) é idealizado como uma celebração, em diálogo com a obra e o legado de Carolina Maria de Jesus, compõe processos de formação e transformação proporcionados pela FLUP (Festa Literária das Periferias):

> Em comum, as autoras dessa obra de muitas mãos guardam o lugar autoral, pois todos os textos aqui dispostos são escritos por mulheres negras brasileiras. E também, o fato de terem sido atravessadas por Carolina Maria de Jesus de alguma forma pela vida afora e pela palavra adentro. A síntese que melhor recolhe o sentido dessa publicação talvez seja a ideia revolucionária da partilha, que nós, pessoas negras, aprendemos desde muito tempo com a tecnologia ancestral (Miranda, 2021, p. 17).

A pesquisadora destaca a dimensão coletiva e compartilhada que perpassa a produção literária de mulheres negras brasileiras e demonstra que a autoria, embora seja individual, está profundamente vinculada às experiências históricas e culturais comuns entre essas mulheres tão plurais. A reunião de diferentes mulheres negras na mesma obra apresenta trajetórias singulares, compartilhando um mesmo horizonte de memória, vivências e expressões, indicando a influência de sua escrita marcante na formação de outras autoras. Ao enfatizar a ideia de partilha como síntese da publicação, Miranda (2021) aponta para uma lógica de produção e circulação de saberes que se fundamentam em práticas coletivas historicamente cultivadas pelas populações negras, marcadas pela falta de registro na literatura e que se fragilizam com o passar do tempo. A escrita dessas mulheres negras revela um movimento de preservação, continuidade e reconhecimento mútuo, no qual a

literatura se configura como espaço de diálogo, memória e construção coletiva, e Carolina é inspiração literária, presença importante e necessária, que marca tantas vidas e narrativas.

A coletânea *Carolinas* (2021) conta com 697 páginas divididas em 08 partes, sendo a primeira, “Fazer da Literatura sua morada” - organizada por Cristiane Costa; parte 2 “Crônicas Carolinas” - Eliana Alves Cruz; parte 3 “O diário dos diários Carolinas” - Fred Coelho; parte 4 “Amarelíneas” - Itamar Vieira Junior; parte 5 “Ontem, hoje e amanhã, Carolinas” - Alexandre Faria; parte 6 “Quilombo Dona Carolina” - Ana Paula Lisboa; parte 7 “Vedetes da favela” – Milena Britto; e a parte 8 “Catando palavras” - Eduardo Coelho. Cada parte foi produzida a partir de oficinas de escrita com os organizadores:

> A audácia para tornar a escrita para si e a fazer transgredir, em um país ainda altamente marcado pelo pode de silenciar, é mérito também deste livro. Um livro coletivo, que parece criar uma comunidade para Carolina, que faz da literatura sua morada, que toma o cotidiano em crônica de dias possíveis, que reflete novos exercícios espelhados no diário mais clássico da literatura brasileira (Miranda, 2021, p. 17).

Os textos que compõem *Carolinas* (2021) assemelham-se, de certo modo, às vivências de Carolina Maria de Jesus, marcada por adversidades extremas, a pobreza, o racismo e a exclusão social e educacional. A coletânea *Carolinas* (2021) é uma produção realizada por mulheres negras, que encontraram na escrita uma forma de dialogar com as suas trajetórias, num ato político. Essas mulheres trazem para as suas escritas, as suas experiências como mães, trabalhadoras, estudantes e tantas outras funções desempenhadas no dia a dia. Elas ponderam sobre suas vivências, marcadas por desafios sociais, responsabilidades familiares e a busca de reconhecimento por meio da escrita. Esses desafios sociais e familiares são apresentados por Carolina Maria de Jesus (2020, p. 33) quando comenta: “Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo. Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção”.

Carolina Maria de Jesus (2020) registra um processo de autoavaliação, marcado pela hesitação inicial em relação ao relato de suas experiências cotidianas, por considerar que sua escrita poderia não ter relevância. Ao decidir iniciar o diário, a autora afirma a importância de sua própria voz como matéria legítima de narrativa e aponta para um processo de reconfiguração ética e afetiva, manifestada no desejo de estabelecer relações mais atentas e humanizadas, especialmente com crianças e trabalhadores. A escrita de Carolina assume a função de registro da realidade marcada por exclusões e construção de uma consciência crítica

e sensível. O gesto de narrar a própria vida se converte em prática de dignificação do cotidiano.

Julio Bernardo Ludemir, escritor, autor de roteiros, um dos idealizadores da FLUP e organizador da obra em estudo, anuncia *Carolinas* (2021) como uma obra voltada, sobretudo, para o futuro, ao demonstrar a emergência de uma geração de escritoras negras que tende a transformar profundamente o cenário literário brasileiro: “o livro que você tem em mãos é um daqueles raros casos de uma obra que fala muito mais para o futuro do que para o presente” (Ludemir, 2021, p. 20). O autor reforça que os quase duzentos textos reunidos desvelam autoras oriundas de diferentes regiões do país, cujas trajetórias ecoam os avanços sociais proporcionados pelas políticas de cotas e pela ampliação da presença negra nas universidades e espaços culturais. Ainda, defende que parte dessas mulheres deverá alcançar reconhecimento no mercado editorial, renovando a tradição literária inaugurada por Jesus:

> Os quase duzentos textos que temos aqui, assinados por mulheres negras de todos os estados da federação, revelam uma geração de escritoras que impactarão o país com a mesma amplitude com que a juventude preta mudou o cotidiano das universidades brasileiras, em seguida à implantação da política de cotas. Está longe de ser um devaneio afirmar que não menos de trinta dessas mulheres farão carreiras relevantes no mercado editorial na década que ora se inicia, algumas delas no nível comercial da Djamila Ribeiro e da Conceição Evaristo (Ludemir, 2021, p. 20).

O estudioso contextualiza essa produção no âmbito de movimentos antirracistas recentes e das reações à exclusão de pessoas negras das premiações e circuitos culturais, tanto no Brasil quanto no exterior. Tal cenário, aliado ao crescimento da classe média negra e à valorização global da estética afro-diaspórica, cria condições favoráveis para o surgimento de novas vozes literárias. O autor aproxima esse momento histórico do impacto cultural de fenômenos como “*MOONLIGHT”* (2016), *“CORRA*!” (2017) e “*PANTERA NEGRA*” (2018), argumentando que o interesse por narrativas negras alcançou dimensão universal. No prólogo de *Carolinas* (2021), Julio Ludemir descreve o processo formativo que deu origem ao livro, iniciado com o ciclo de debates denominado “Uma revolução chamada Carolina”, que reuniu pesquisadoras, escritoras e artistas negras, para revisitar a obra e a trajetória de Carolina Maria de Jesus:

> A partir de então, reunimo-nos todas as terças e quintas-feiras até o dia 19 de agosto, quando completou sessenta anos do lançamento de *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, obra na qual nos inspiramos para propor esta edição, que tem a pretensão de reescrevê-lo por intermédio das mãos pretas de suas herdeiras. Ao todo 49pessoas negras iluminaram esses debates, das quaisapenas cinco eram do sexo masculino. Juntas, elas fizeram a releitura tantas vezes adiada da literatura de Carolina Maria de Jesus (Ludemir, 2021, p. 23-24).

As atividades, realizadas virtualmente devido ao período pandêmico, atraíram milhares de participantes e consolidaram uma rede nacional e internacional de mulheres negras. As cartas recebidas para a seleção das autoras foram mais de quinhentas, provenientes de diversas cidades brasileiras e de outros países, evidenciando o alcance desse movimento *Carolinas* (2021).

> As 25 mil pessoas que acompanharam a programação da Flup de 2019, cuja curadoria foi igualmente focada nas mulheres negras, foram uma demonstração cabal de que o debate sobre o feminismo negro tinha transbordado as fronteiras do gueto. Mas nem mesmo nosso otimismo atávico nos permitia imaginar que os quinze painéis que organizamos iriam despertar o interesse de não menos que 55 mil pessoas (Ludemir, 2021, p. 25).

Ao relatar a dinâmica dos encontros, Ludemir ressalta o caráter comunitário e afetivo construído entre as participantes, comparando-o ao princípio de Ubuntu, que significa "Eu sou porque nós somos". O engajamento coletivo, alimentado pela troca de experiências e centralidade da primeira pessoa na escrita de Carolina, fundamentou a concepção de um livro que celebra a partilha, o pertencimento e a sustentação de narrativas negras no campo literário brasileiro. Esse movimento de escrita de mulheres negras tem se fortalecido a exemplo do que aconteceu nos quilombos como espaços de resistência. De acordo com Beatriz Nascimento (2021, p. 99), o quilombo "passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural", era lugar que abrigava e se fortalecia pela troca de conhecimento ancestral, na oralidade, em lutas para combater a exploração do povo negro, cultivavam a cultura como forma de proteção, por meio da entonação de cantos africanos. Era lugar de luta por liberdade.

Os quilombos foram fundamentais tanto como lugar de abrigo humano como de preservação da cultura do povo negro, configurando-se como espaços de organização coletiva e resistência diante das violências do sistema escravocrata e das persistentes estruturas de exclusão racial. À vista disso, o aquilombamento extrapola a dimensão estritamente territorial e assume sentido político e cultural, ao estabelecer práticas de solidariedade, proteção mútua, fortalecimento identitário e produção autônoma de saberes.

Prefaciando a obra de Abdias do Nascimento denominada *O quilombismo* (2019, p. 11), Kabengele Munanga afirma que Beatriz Nascimento descreve o quilombismo como "um conceito científico emergente do processo histórico-cultural das massas afro-brasileiras". Nesse contexto, o conceito está profundamente ligado à construção da identidade cultural, ao território e à sobrevivência das comunidades negras no Brasil. Esses espaços formados por pessoas escravizadas resistiram à opressão, os quilombos são formas de organização social que preservam tradições, modos de vida e memórias coletivas. Ao longo do tempo, a compreensão

sobre quilombo ampliou, afastando-se de definições baseadas apenas na ideia de raça. Atualmente, o conceito está mais relacionado à herança da história escravista, ao pertencimento étnico e cultural, valorizando a relação com o território e a construção de uma identidade coletiva. Como aponta Grada Kilomba (2019), a memória e a narrativa são elementos centrais na construção das identidades negras, uma vez que permitem ressignificar histórias de opressão e afirmar novos lugares de fala e pertencimento:

> Eu, como mulher *negra*, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevem a realidade de um erudito *branco*, pois escrevemos em lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das/os intelectuais *negras/os* surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico (Kilomba, 2019, p. 58-59).

As reflexões de Kilomba (2019) permitem compreender que a escrita de mulheres negras periféricas configura-se como uma prática política de produção de conhecimento. Ao reivindicar o direito de narrar suas próprias experiências a partir da periferia, mulheres desafiam discursos que as silenciaram. *Carolinas* (2021) comprova que a escrita constitui um espaço de colaboração coletivo, pois diferentes vozes compartilham experiências comuns.

Essa rede que se constrói de pertencimento e de estratégias coletivas é o que Lucy de Miranda Nascimento (2023) apresenta em sua tese de doutoramento. Tal perspectiva pode ser mobilizada para compreender a organização da coletânea *Carolinas* (2021), que se configura como um espaço de encontro e articulação entre mulheres negras.

> O sujeito negro quando não era invisibilizado nas construções literárias, o que frequentemente ocorria, ele era representado de maneira estereotipada, em condição de marginalidade e sem projeção social, o que reproduzia os padrões de poder impostos desde a colonização, ou seja, o negro podia até ser alforriado, mas as condições que lhe eram oportunizadas e os preconceitos acerca dele foram meios de mantê-lo em situação de subalternidade em relação ao branco (Nascimento, 2023, p. 29).

Assim, o acesso à produção crítica do conhecimento constitui estratégia fundamental de enfrentamento às permanências da colonialidade, de declaração dos saberes e das memórias silenciadas, problematizando a liberdade através das lutas, resultando em apagamento identitário.

Na análise dos textos escolhidos da obra *Carolinas* (2021), pretende-se compreender as formas de escrita das autoras e destacar a importância de Carolina para a

literatura e para a sociedade brasileira. Esta pesquisa objetiva instigar a reflexão sobre como a experiência da escrita contribuiu para a formação de novas escritoras negras e de que forma a obra revela o desejo das mulheres negras de se inserirem no universo da escrita literaria. Busca-se, a partir da presente investigação, compreender de que forma a literatura pode contribuir com a melhoria da qualidade de vida de mulheres negras e promovendo a ampliação dos espaços de fala na sociedade.

Carolina Maria de Jesus (1960) contribuiu para a mudança do cenário literário com sua produção poética, seus diários, provérbios, romances, dentre outros gêneros. A escritora abriu caminhos e se tornou referência para muitas outras mulheres, apesar das dificuldades de viver em uma favela e cuidar sozinha de três filhos, catando papel para sobreviver, coloca as atividades de leitura e escrita em seu cotidiano e torna-se um nome importante na literatura brasileira. Sua escrita é um exemplo para gerações de mulheres negras escritoras, tanto no Brasil quanto no exterior, entre as quais sobressaem-se nomes como Conceição Evaristo, que reconhece em Carolina uma das principais referências na literatura. São as escrevivências, contidas em seus registros, marcadas pela continuidade que emerge das margens para o centro de mulheres negras brasileiras.

> E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere "as normas cultas" da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para "ninar os da casa-grande", e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (Evaristo, 2020, p. 53-54).

Autora chama atenção para o fato de que suas produções emergem de lugares sociais que, ao longo do tempo, foram esquecidos no cenário cultural brasileiro, desafiando os padrões legitimados pela cultura das elites.

Ao mencionar exemplos como o de Carolina, cuja escrita ultrapassa os limites da norma culta, Evaristo afirma que a literatura produzida por mulheres negras se constitui em um espaço de questionamento das hierarquias sociais, culturais e de reflexão sobre a sociedade. No caso de Carolina Maria de Jesus, adquire grande relevância no cenário literário pela forma como se refere às desigualdades sociais. *Quarto de Despejo* (2020) mostra que a fragilidade da sociedade não se dá pela escrita fora da norma culta, mas envolve as estruturas políticas e sociais que produzem e mantêm tais desigualdades. A sua escrita configura-se como um registro crítico da

realidade, revelando que a literatura pode assumir um papel significativo na problematização de vulnerabilidades presentes no contexto social.

A escritora Françoise Èga, nascida na Martinica e radicada na França, se conectou profundamente com a obra *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus, se identificou, ao trabalhar de faxineira em Marselha. Èga relata em *Cartas a uma negra* (1976), publicado postumamente, as condições de exploração das mulheres antilhanas na França e utiliza sua experiência para mostrar as dificuldades referentes à sua condição de vida, haja vista que trabalhava como doméstica, sem oportunidades. As autoras instigam à reflexão sobre injustiças sociais e raciais. Enquanto Carolina relata sua trajetória marcada pela pobreza e exclusão, Françoise vivencia experiências semelhantes de invisibilidade e exploração; ambas ocupam lugares marginalizados na estrutura social e compartilham a dor de serem relegadas ao "quarto de despejo". Ao acompanhar a trajetória de Carolina, Èga encontrou um exemplo vivo de como a escrita pode romper as barreiras do silêncio imposto às mulheres negras e periféricas.

2.1 A escrita como resistência

A obra *Carolinas* (2021) mostra de que modo a escrita ganhou novas formas em torno da vida das mulheres participantes da coletânea, ao possibilitar a produção literária composta por trajetórias, memórias e vivências. O texto literário torna-se um espaço de afirmação subjetiva e coletiva, contribuindo para a construção do sentimento de pertencimento, reconhecimento e valorização cultural. Para analisar esse contexto, adotaremos como referencial teórico a obra de Sueli Carneiro, filósofa e ativista brasileira na defesa dos direitos das mulheres negras e na promoção da igualdade racial. Nascida em São Paulo, a pesquisadora construiu uma trajetória profundamente marcada pelo compromisso com a justiça social, tornando-se referência nacional e internacional no combate ao racismo e ao sexismo. Sueli Carneiro é fundadora do Geledés, Instituto da Mulher Negra, em 30 de abril de 1988, na cidade de São Paulo.

Carneiro formou-se em Filosofia pela (USP) e defendeu sua tese de doutorado em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) no ano de 2005. Intitulada *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*, a pesquisa apresenta uma reflexão profunda sobre as estruturas do racismo na sociedade brasileira. O trabalho ganhou maior circulação ao ser publicado em formato de livro em 2023, com o título *Dispositivo de racialidade*: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. A obra contribui para o debate sobre racismo,

produção de conhecimento e as formas pelas quais as hierarquias raciais são construídas e mantidas na sociedade. Carneiro desenvolveu estudos que articulam raça, gênero e poder, oferecendo conceitos fundamentais como o epistemicídio para a compreensão das desigualdades brasileiras:

> Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (Carneiro, 2023, p. 88-89).

A autora considera que o epistemicídio expõe a maneira pela qual as estruturas racistas desqualificam, silenciam e eliminam formas de conhecimento não alinhadas à hegemonia eurocêntrica. Conforme atesta, trata-se da "morte simbólica dos saberes negros, produzida pela desqualificação das nossas formas de pensar, criar e existir" (Carneiro, 2023, p. 91). Esse processo se manifesta tanto nas instituições educacionais quanto nas práticas sociais que privilegiam narrativas eurocentradas, relegando à marginalidade os saberes ancestrais, culturais e comunitários. O epistemicídio apaga histórias e perpetua desigualdades, ao limitar o acesso de determinados grupos à produção e à circulação do conhecimento.

Para Carneiro (2023, p. 97), compreender o epistemicídio é essencial para repensar as bases da construção do saber no Brasil, reconhecendo a urgência de práticas pedagógicas e políticas que valorizem vozes historicamente silenciadas. Pensar o epistemicídio também implica repensar as práticas pedagógicas e políticas educacionais, de modo que consigam acolher diferentes formas de conhecimento, pois essas ações constituem-se em um passo fundamental para a construção de uma educação crítica, democrática, com equidade e comprometida.

Lélia Gonzalez, antropóloga, feminista, militante do movimento negro brasileiro. Uma das autoras que mais reivindicou direitos por meio de sua escrita e uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU), segundo Milton Barbosa, também militante do MNU, em entrevista ao Geledés – Instituto da Mulher Negra em 08 de abril de 2019. Sua trajetória constituiu um marco na produção de conhecimento crítico sobre raça, gênero e cultura no país, articulando de maneira pioneira reflexões sobre a condição da mulher negra, o racismo estrutural e os processos de formação identitária na América Latina e esclarece que:

> O que opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações sociais mentais que se reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa. No que se refere a discriminação da mulhere, que se observem, por exemplo, as diferenças salariais no exercício de uma função com relação ao homem, e a aceitação de que "está tudo bem" (Gonzalez, 2020, p. 42).

Em *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020), Gonzalez enfatiza que a mulher negra ocupa o ponto mais vulnerável das hierarquias sociais brasileiras que, marcada pela herança colonial, enfrenta a dupla opressão do racismo e do sexismo, fatores limitadores de suas possibilidades de inserção educacional, profissional e política:

> Quando não trabalha como doméstica, vamos encontra-lá também atuando na prestação de serviços de baixa remuneração ("refúgio") nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob a dominação genérica de "servente" (que se atente para as significações a que tal significante nos remete). De modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação "profissional": doméstica e mulata (Gonzalez, 2020, p. 59).

A escritora ressalta que, para muitas mulheres negras, a falta de perspectiva é um fenômeno coletivo resultado de uma estrutura social que continuamente restringe alternativas, impondo-lhes trajetórias de trabalho precarizado e invisibilizado. Sob essa perspectiva, torna-se evidente que a literatura produzida por mulheres negras, além de refletir experiências individuais, constrói um espaço coletivo de reconhecimento. Compreende-se que essa realidade não é contemplada pelo feminismo hegemônico, que iniciou sua construção baseado nas experiências de mulheres brancas de classe média. Para elas, a opressão está associada à desigualdade de gênero.

Para as mulheres negras, a opressão é inseparável da estrutura racial. O feminismo precisa reconhecer que a exploração da mulher negra vai muito além do que as teorias tradicionais conseguem abarcar: é uma violência que atravessa o corpo, o trabalho, a subjetividade e a própria possibilidade de construção de futuro:

> A unanimidade das participantes quanto a essas denúncias era absoluta. Mas no momento em que começamos a falar do racismo e suas práticas em termos de mulher negra, já não houve mais unanimidade. Nossa fala foi acusada de emocional por umas e até mesmo de revanchista por outras; todavia, as representantes de regiões mais pobres nos entenderam perfeitamente (eram mestiças em sua maioria) (Gonçalez, 2020, p. 61).

Lélia Gonzalez (2020) esclarece que, em geral, mulheres negras sempre enfrentaram dificuldades em serem reconhecidas em determinados espaços que deveriam acolhê-las. Gonzalez expõe que, por vezes, ao tentar denunciar um abuso ou alguma forma de racismo, mulheres negras são desacreditadas, desqualificadas, julgadas como descompensadas emocionalmente ou que estão em busca de revanchismo, ou seja, o maltrato é muitas vezes naturalizado pela sociedade ao se tratar de mulheres negras. A autora acentua que tais abusos não devem ser observados apenas pela perspectiva de gênero, pois as desigualdades moldam as condições de existência e tolhem as possibilidades de participação social.

É justamente contra esse processo de invisibilização que as autoras de *Carolinas* (2021) se posicionam. Ao se apropriarem da palavra, elas estabelecem um espaço onde podem reconstruir suas identidades e registrar suas trajetórias, consolidando a escrita como transformação social e cultural. Mesmo diante da persistência do discurso da inexistência do racismo, que funciona como parte de um jogo do imaginário social que naturaliza hierarquias e legitima injustiças. Em *Carolinas* (2021, p. 502) as autoras, ao narrar suas experiências, desafiam representações cristalizadas e reivindicam o reconhecimento de sua humanidade, de suas memórias e de seus lugares de fala, rompendo com estruturas que, por muito tempo, buscaram limitar sua participação na produção de conhecimento e na construção da história.

Compreender essa realidade exige reconhecer tanto a falta de perspectivas impostas estruturalmente às mulheres negras, quanto à urgência de criar alternativas que rompam com essa lógica. As reflexões de Gonzalez (2020) apontam que, ao resistir a essas estruturas, a mulher negra reivindica direitos e transforma os próprios fundamentos da sociedade brasileira, abrindo caminhos para relações mais justas e igualitárias.

2.2 Escrevivências em *Carolinas*

O conceito de “escrevivência”, cunhado por Conceição Evaristo (2020), sintetiza com precisão sua proposta estética e política: escrever tendo como ponto de partida as memórias, as vivências coletivas, se constitui uma das contribuições mais relevantes para a teoria literária contemporânea, especialmente no campo da literatura afro-brasileira e dos estudos de gênero e raça. O termo designa uma prática de escrita que nasce das vivências reais de mulheres negras e de suas comunidades, estabelecendo relação intrínseca entre vida, memória e palavra. A teoria da *escrevivência* parte do pressuposto de que a experiência cotidiana das populações negras, marcada por desigualdades históricas, violência estrutural, resistências, afetos e ancestralidades, deve ser inscrita na literatura como gesto político e estético.

> Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo – voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertence também (Evaristo, 2020, p. 30).

Diferentemente de uma escrita meramente autobiográfica ou confessional, a escrevivência opera no entrecruzamento do individual com o coletivo, desempenha papel fundamental no enfrentamento ao cânone literário tradicional, que durante séculos privilegiou vozes brancas, masculinas e burguesas. Propõe uma escrita na qual o corpo da mulher negra, que mostra a sua experiência social e seus vínculos comunitários, se torne fonte de criação literária, conferindo legitimidade e autoridade nas narrativas. E, ao inserir as subjetividades negras no espaço literário, transforma paradigmas, reivindicando novos modos de leitura, novas epistemologias e novas possibilidades de representação. Sua escrita rompe com a neutralidade supostamente universal da literatura canônica e afirma que toda produção literária está aportada em lugares sociais específicos. A escrevivência questiona os discursos hegemônicos e desestabiliza o apagamento de narrativas afro-diaspóricas.

Outro aspecto central do conceito é a relação entre ancestralidade e memória. Para Evaristo (2018), escrever é também resgatar saberes, histórias e tradições transmitidas oralmente ao longo das gerações. A escrevivência pode ser compreendida como uma proposta literária e política que reivindica a centralidade das experiências negras, sobretudo de mulheres.

> No corpo das mulheres negras, cujas histórias se destacam na profusão de narrativas que compõe o romance, atualiza-se esta ligação entre o passado colonial e o presente povoado de heranças coloniais por resolver. Enquanto se desenrolam as histórias dos personagens, a grande tensão que une todas as suas experiências é o crescente processo de desfavelamento, que culminará por expulsá-los a todos do único lugar a que pertencem, e que, supostamente, também lhes pertencia (Evaristo, 2018, p. 169).

No romance de Conceição Evaristo, *Becos da Memória* (2018), o corpo das mulheres negras surge como lugar representativo em que se inscrevem as marcas do passado colonial e suas permanências no presente. As múltiplas narrativas que compõem a obra elucidam experiências memorialísticas, revelando como a história coletiva da população negra continua a repercutir nas experiências contemporâneas. Nesse contexto, o processo de desfavelamento aparece como uma preocupação que articula as trajetórias das diversas personagens presentes no texto de Evaristo, expondo as violências que ameaçam romper vínculos construídos ao longo

do tempo.

A expulsão dos moradores do espaço que habitam ultrapassa a dimensão material da perda da moradia, configurando-se como uma descontinuidade de processos que recaem de maneira intensa sobre corpos e vidas negras. Um exemplo expressivo manifesta-se nas oficinas realizadas para a obra *Carolinas* (2021), Parte 1, "Fazer da literatura a sua morada", organizada por Cristiane Costa, nas quais as participantes foram instigadas a revisitar suas memórias e convertê-las em produções textuais, indicando de maneira clara e sensível o movimento da escrevivência, tal como proposto:

> Criamos um dicionário próprio, a partir do universo semântico despertado pelas palavras *casa, quarto, despejo*, que guiam os contos a seguir. Escrevemos os primeiros textos liberando o fluxo de consciência, palavra puxando palavra. Vieram *pejo, desejo, pele, pedra, prisão, limite, descarte*. Mas também *janela, ar, liberdade, quilombo*. E assim nasceu o primeiro *spin-off* da Flup, o *Ominirá Quilombo de Escrevivências*, voltado para combater o racismo no ambiente escolar (Costa, 2021, p. 32).

Nessa escuta inicial, foi possível mapear os desejos, expectativas e repertórios narrativos das participantes, cujas falas descreviam vivências e trabalho. Outro momento significativo no conjunto das oficinas é a Parte 6 "Quilombo Dona Carolina", na qual a organizadora Ana Paula Lisboa descreve suas inquietações durante a preparação do processo formativo e o desafio de orientar um grupo de mulheres negras em meio à pandemia de Covid-19. Lisboa (2021) reflete sobre o cuidado necessário para construir um espaço de acolhimento, escuta e afeto, reconhecendo que a escrita, para essas autoras, pode tanto curar quanto reabrir feridas. O processo, que se estendeu por três meses, exigiu delicadeza, firmeza e presença coletiva, resultando em um ambiente seguro onde todas as mulheres participantes puderam escrever, silenciar, compartilhar e se fortalecer mutuamente:

> Criamos um espaço nosso, o Quilombo Dona Carolina, e foi assim que conseguimos passar três meses juntas, com nossas dores e alegrias, com nossas escritas e nossos silêncios. Digo nossos porque eu aprendi muito, aqui vale todo o clichê da orientadora. Eu precisei olhar para o meu processo de escrita, que depois de 15 anos estava decorado no coração e na cabeça, mas nunca havia ido para o papel (Lisboa, 2021, p. 400).

Em "Catando Palavras" (2021), temos um exemplo claro do processo de organização da oficina. O momento surgiu a partir de uma escuta sensível, em que cada participante compartilhou sua trajetória, possibilitando identificar desejos, experiências marcantes e modos narrativos já presentes em suas vivências. Depois desse movimento inicial, as oficinas foram

se constituindo em um espaço de acolhimento, troca e construção coletiva, consolidando essa escrevivência na organização da oficina. Nesse sentido, nota-se que:

> A leitura e a audição de trechos do *Quarto de despejo* consistiram num recurso fundamental para que elas se sentissem autorizadas a produzir seus textos e contações de histórias. Por outro lado, o desenvolvimento de suas próprias narrativas foi levando as catadoras a se reconhecerem e também se perceberem de outras formas, naquilo que elas caracterizaram, por fim, como um processo "terapêutico" (Coelho, 2021, p. 496).

O contato prévio com a obra de Carolina constitui um elemento fundamental para compreender o processo de escrita das autoras que integram a coletânea. Antes de registrarem suas próprias histórias de vida, lutas e resistências, encontraram em *Quarto de Despejo* (2020) um referencial estético, político e afetivo capaz de legitimar e fortalecer suas vozes.

2.3 *Carolinas*: as escrevivências que entrelaçam memórias pessoais e coletivas

Carolina Maria de Jesus é uma escritora conhecida que deixou uma vasta produção literária. Nascida no ano de 1914, no estado de Minas Gerais, passou grande parte de sua vida na extrema pobreza por viver com sua família as consequências do regime escravista brasileiro. A escritora ganhou reconhecimento com a publicação de *Quarto de Despejo:* Diário de uma Favelada em 1960, uma obra que apresenta as dificuldades do cotidiano na favela do Canindé, suas rotinas de leituras e escrita, revelando a dura realidade da fome, desigualdade, exclusão social e, além disso, a vontade de dedicar-se completamente ao ofício da escrita. A obra conquistou espaço na literatura nacional, tendo figurado em primeiro lugar nas listas de venda, sendo objeto de pesquisa em diferentes instituições do país. A obra é narrada em forma de diário e relata os desafios vividos pela escritora: mulher pobre, negra, favelada, catadora de papel e mãe solo de três filhos.

Nesta seção descrevem-se concisamente seis partes que compõem a coletânea *Carolinas* (2021), com o objetivo de compreender o contexto no qual os textos foram produzidos e as interrelações entre eles. Embora cada parte apresente experiências singulares, todas se articulam em torno de um propósito comum: narrar e afirmar suas vivências por meio da escrita, em diálogo com a relevância literária de Carolina Maria de Jesus. Inspiradas pelas leituras de *Quarto de Despejo*, as autoras relatam como o contato com a literatura amplia as perspectivas, permitindo construir novas compreensões sobre si, suas trajetórias e as formas de enfrentar os desafios estruturais. Assim, *Carolinas* (2021) possui uma pluralidade de narrativas, composta

por um total de oito partes, no entanto para o desenvolvimento deste trabalho, conforme já citado, especificamente serão analisadas duas partes: a parte 2 “Crônicas Carolinas”, organizada por Eliana Alves Cruz, e a parte 3 denominada “O diário dos diários de Carolinas” sob a organização de Fred Coelho que serão abordadas separadamente.

O papel dos organizadores da coletânea *Carolinas:* a nova geração de escritoras negras brasileiras (2021) foi de criar um espaço em que as vozes de mulheres negras pudessem ser ouvidas, reconhecidas e valorizadas. E contribuíssem na construção de uma memória coletiva, aproximando as produções da coletânea, do legado de Carolina Maria de Jesus, mostrando como sua obra continua inspirando novas escritas e maneiras de compreender o mundo. Ao reunir autoras de diferentes realidades, regiões e vivências, a obra permite que histórias únicas se encontrem e se conectem por experiências marcadas por questões de raça, gênero e classe. Esse cuidado na organização mostra um compromisso tanto literário quanto social com a escrita de mulheres negras. As oficinas de escrita desempenharam um papel central nesse processo, especialmente para as mulheres periféricas, espaços que permitem expressar suas experiências, refletir sobre suas trajetórias e desenvolver confiança. A prática da escrita transforma vivências cotidianas em narrativas fortes, possibilitando oportunidades de reflexão.

A presença de *Quarto de Despejo* como referência mostra como a literatura pode transformar olhares, abrir caminhos e auxiliar a formar novas perspectivas. Impulsionada por movimentos que já estiveram nessa luta, a exemplo de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo,* a obra *Carolinas* (2021) debate temáticas de violência, invisibilidade das mulheres nas diferentes esferas da sociedade e a busca por um espaço autêntico de expressão. As autoras que compõem a coletânea enunciam uma visão da luta que transcende o contexto literário, tornando-se mecanismo de conscientização e resistência. Miranda (2013, p. 149) explica que “o sistema é inteligente: alimenta-se de suas próprias sobras. E autofagicamente macabro: marginaliza para incorporar, incorpora para marginalizar, mantendo sempre a desigualdade”.

Assim, a coletânea organiza os textos e dá sentido ao conjunto produzido, criando um espaço de troca, identificação e reconhecimento. *Carolinas* (2021) se consolida ao dar visibilidade às narrativas escritas pela nova geração de escritoras negras.

2.4 Parte 1 - Fazer da literatura sua morada: Cristiane Costa

Cristiane Costa é jornalista, escritora, pesquisadora e professora universitária brasileira, nascida no Rio de Janeiro em 1964. Formada em Jornalismo pela Universidade Federal

Fluminense (UFF) em 1985, realizou posteriormente mestrado e doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição onde atualmente atua como professora na Escola de Comunicação (ECO-UFRJ). Ao longo de sua trajetória, consolidou-se como pesquisadora dedicada aos estudos sobre jornalismo, cultura de massa e narrativas midiáticas.

O texto, “Protagonistas de uma nova história”, escrito por Cristiane Costa em *Carolinas* (2021, p. 32) aponta que, para que mulheres negras reconheçam e validem sua própria voz, é preciso superar interditos externos e internos, muitos deles naturalizados na sociedade, e nesse contexto está a escrevivência dessas mulheres.

Segundo Cristiane Costa (2021, p. 32), “Aprendemos muito umas com as outras, com nossos diferentes tons de pele e sensibilidades tão parecidas quanto machucadas. Amizade, beleza e confiança foram o nosso ABC”. Nas oficinas virtuais da FLUP, esse processo ocorreu coletivamente: escritoras de diferentes trajetórias compartilharam memórias, sensibilidades e dores, construindo um espaço de confiança e criação. A partir de palavras evocadas pelo universo semântico de *Quarto de despejo*, emergiram narrativas que interligam experiência, imaginação e escrevivência.

Desse movimento nasceu o “Ominirá Quilombo de Escrevivências”, projeto voltado a combater o racismo no ambiente escolar por meio da produção literária. As autoras que participam dessa iniciativa, herdeiras de Carolina Maria de Jesus, se colocam como protagonistas de um novo capítulo da literatura brasileira, produzindo textos que mobilizam afetos, denunciam violências e reafirmam a potência criadora das mulheres negras.

2.5 Parte 4 - Amarelíneas: Itamar Vieira Junior

Itamar Vieira Junior é um escritor e geógrafo brasileiro nascido em Salvador, Bahia, em 1979. Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), ficou amplamente reconhecido na literatura contemporânea com o romance Torto Arado, obra premiada que aborda temas como desigualdade social, memória e vida no campo, consolidando seu nome entre os principais escritores brasileiros da atualidade. Como organizador de “Amarelíneas”, Vieira Junior (Carolinas, 2021, p. 232) considera que o conjunto de narrativas representa a força de um movimento literário transformador, no qual escritoras negras ampliam perspectivas, apresentam novas formas de narrar e contribuem de maneira significativa para a renovação e consolidação da literatura brasileira contemporânea.

> Ao ler essas histórias a partir do protagonismo da mulher negra no mundo contemporâneo temos a dimensão do quanto há por escrever sobre a centralidade das vidas negras, maior parcela da população de nosso país. As protagonistas dessas histórias são apaixonantes e, de forma sensível, enredam o leitor num oceano de sentimentos e sonhos. Dos dramas familiares à ascensão social numa sociedade estruturalmente racista, da solidão da mulher à sororidade e dororidade que permeiam suas vidas (Vieira Junior, 2021, p. 232).

Mesmo 60 anos após a publicação de *Quarto de Despejo*, sua presença permanece viva, alimentando a imaginação literária e abrindo caminhos para novas vozes (Vieira Junior, 2021). É nesse gesto de abertura que Vieira Junior identifica a potência da escrevivência, entendida como a escrita que brota da vida, conceito justamente alicerçado por Evaristo e antecipado, de certo modo, pela própria Carolina Maria de Jesus. Começando por esse legado, Itamar apresenta a seção "Amarelíneas", composta por contos epistolares que convidam o leitor a exercitar a alteridade, colocando-se no lugar das personagens negras que protagonizam essas histórias, que evidenciam o quanto ainda há para ser escrito sobre a centralidade das vidas negras no Brasil.

As protagonistas desses contos são descritas como complexas e apaixonantes, capazes de conduzir o leitor por um campo vasto de sentimentos, conflitos e aspirações. Temas como dramas familiares, ascensão social em uma sociedade estruturalmente racista, solidão feminina, sororidade, fome, gravidez e relações afetivas são abordados por autoras que demonstram diversidade de estilos e perspectivas (Vieira Junior, 2021, p. 232). Para Itamar, essas narrativas confirmam que estamos diante de um movimento literário transformador, no qual escritoras negras constroem novas estéticas, ampliam repertórios e contribuem de maneira decisiva para a revolução que se anuncia na literatura brasileira contemporânea. Seu comentário reafirma que a escrevivência, enquanto gesto de narrar a partir das margens, reconfigura o próprio campo literário, abrindo espaço para vozes que, por muito tempo, foram silenciadas.

2.6 Parte 5 - Ontem, hoje, amanhã, Carolinas: Alexandre Faria

Alexandre Faria é professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde integra o Programa de Pós-Graduação em Letras na linha de pesquisa de Estudos Literários. Pesquisador da literatura brasileira contemporânea, literatura marginal-periférica e criação literária, é escritor, poeta e ficcionista com obra publicada nos campos da poesia, da ficção e do ensaio. Seu percurso literário apresenta um interesse profundo pelas dinâmicas da cultura brasileira contemporânea, investigando temas como literatura e identidade, além de se debruçar sobre a chamada literatura marginal-periférica e os processos

de criação literária. Para além da carreira acadêmica, também se destaca como ensaísta, poeta e ficcionista, com uma obra que transita entre diferentes gêneros e formatos.

Entre seus livros, destacam-se: sobre poesia, *Ouro do outro* (2018) e *Venta não* (2013), a obra de ficção *Anacrônicas* (2005) e o ensaio *Literatura de subtração* (2009). Sua produção inclui ainda projetos experimentais, que articulam diferentes mídias como cartão-postal, site e curta-metragem. Como organizador e coorganizador, contribuiu para importantes coletâneas, entre elas *Poesia e vida - anos 70* (2007), *Modos da margem - figurações da marginalidade na literatura brasileira* (2015) e *Outra - poesia reunida no sarau de Manguinhos* (2013), ampliando o debate sobre literatura e marginalidade no Brasil. Seu trabalho também se estende à formação de novos escritores, atuando desde 2012 na FLUP (Festa Literária das Periferias), no Rio de Janeiro, e na Oficina Literária TextoTerritório. Nesses espaços, colaborou na organização de diversas coletâneas que articulam escrita, cuidado e experiências sociais, como *Artesania de textos, invenção de parentalidades* (2018), *Depois de abrir as janelas* (2015), *Histórias de aprender, arte de cuidar* (2014) e *Arte de escrever, arte de cuidar* (2012).

A parte 5, organizada por Faria, traz uma reflexão sobre o processo de orientação de uma turma de mulheres negras escritoras, acentuando que escrever é um ato de amor e de partilha. O gesto de entrega, segundo o orientador, foi vivido profundamente quando as autoras compartilharam seus textos inéditos, confiando-lhe suas experiências, memórias e vulnerabilidades. É notório que reconhece seu deslocamento em termos de gênero e raça, assumindo que sua presença nesse processo só fez sentido pelo aprendizado que recebeu e pela parceria construída com o projeto da FLUP (Faria, 2021, p. 298).

Ao longo do trabalho de construção da obra *Carolinas* (2021), Alexandre Faria verifica que aquelas narrativas carregavam uma força singular: eram textos que uniam frescor, intensidade e raízes profundas, marcas da escrevivência, conceito que transforma vivências de mulheres negras em produção literária, articulando dor, resistência, memória e identidade.

A escrita de Carolina transforma-se em mediadora dessa experiência, por ser simultaneamente particular e original, inspira as autoras a reconhecerem o valor de suas próprias vozes. O texto finaliza com um gesto de humildade: o orientador silencia para que as vozes plurais e originais possam falar por si, confirmando a escrevivência como um ato de autonomia, ancestralidade e asserção política (Faria, 2021, p. 299).

2.7 Parte 6 - Quilombo Dona Carolina: Ana Paula Lisboa

Ana Paula Lisboa nasceu no Rio de Janeiro, sendo a mais velha de quatro filhos de

operários negros. Começou a escrever ainda na adolescência, aos 14 anos, e mais tarde se formou em Língua e Literatura Portuguesa. Em 2011, passou a integrar a Agência Redes para Juventude, atuando inicialmente como mediadora territorial em favelas como Cidade de Deus e Borel, e depois como coordenadora de metodologia. Seus textos sobre a vida nas favelas ganharam destaque, tendo sido publicados em coletâneas traduzidas para o francês. Em 2014, recebeu o Prêmio Carolina de Jesus, inspirado na escritora Carolina Maria de Jesus, reconhecendo pessoas que transformaram suas vidas por meio da literatura.

Lisboa (2021) apresenta uma reflexão profundamente autorreflexiva sobre o processo formativo conduzido na FLUP 2020, enaltecendo tanto o gesto pedagógico quanto o político, de orientar mulheres negras escritoras. Lisboa inicia reconhecendo a circularidade da experiência em retornar, oito anos depois, ao mesmo espaço que a formou, agora como orientadora, manifestando a dimensão ancestral e coletiva da escrita. Essa prática dialoga diretamente com o conceito de Conceição Evaristo, por enfatizar que a escrita é continuidade de trajetórias que se encontram, se cruzam e se reconstroem. Partindo da compreensão de que 29 participantes já eram escritoras, a orientadora desloca o foco da ideia tradicional de "ensinar a escrever" para a ideia de compartilhar caminhos. Mobiliza a metáfora das "pedras", as que enfrentaram, desviaram, chutaram e que por vezes a derrubaram, para indicar que a orientação consistiria em apresentar possibilidades, atalhos e estratégias de resistência no campo literário. Esse gesto se aproxima da ética da escrevivência: orientar é abrir caminhos para a autora reconhecer o alcance de sua própria voz (Lisboa, 2021, p. 400).

Outro eixo central do relato é o acolhimento. A autora reconhece que ser mulher negra que escreve implica carregar traumas históricos, individuais e coletivos e que a escrita pode simultaneamente "estancar o sangue" e "abrir hemorragias" (Lisboa, 2021, p. 400). Esse reconhecimento fundamenta a criação de um espaço seguro, denominado "Quilombo Dona Carolina", um território simbólico de proteção, troca e fortalecimento, especialmente diante do contexto da pandemia de Covid-19, marcado por perdas, medo e desigualdades exacerbadas.

O quilombo funciona como espaço de cura, escuta e afirmação identitária, princípios que estruturam a escrevivência enquanto prática estética e política. O conceito de Evaristo revisita seu próprio processo de escrita, reconhecendo que, para orientar o outro, precisou antes identificar quem era como escritora. Esse movimento embasa a dimensão horizontal da oficina: não há hierarquia rígida, mas uma troca de aprendizagem mútua, coerente com a ideia de comunidade de escreviventes. Do ponto de vista metodológico, duas metas orientaram o percurso: (1) garantir que todas concluíssem o processo e entregassem seus textos; (2) estimular que as narrativas ultrapassassem o eixo exclusivo da dor, pobreza, fome e racismo, mostrando

que a experiência negra é múltipla, complexa e expansiva (Lisboa, 2021, 400).

Lisboa ressalta que, assim como Carolina Maria de Jesus é muito mais do que a fome narrada em *Quarto de Despejo*, as mulheres negras também são maiores do que as violências que as atravessam. Essa perspectiva desloca o olhar para a potência criativa, para a alegria, para a imaginação e para o direito à diversidade de experiência, dimensões fundamentais da escrevivência. Ao alcançar e até superar as metas propostas, o grupo produziu textos únicos, que só poderiam ter nascido da singularidade de cada autora e da força coletiva do quilombo.

2.8 Parte 7 - Vedetes da favela: Milena Britto

A escritora Milena Britto é professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura e da graduação em Letras no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Doutora em Literatura e Cultura Brasileira pela UFBA (2003) e mestre em Literatura Brasileira também pela UFBA (2001). Graduou-se em Letras Vernáculas (1998), realizou pós-doutorado na *University of California, Berkeley* (2018–2019). Atua na área de Literatura brasileira, com interface em Estudos de Gênero, Crítica Literária e Estudos Latino-Americanos. Suas pesquisas concentram-se em temas como relações de gênero, literatura de autoria feminina, literatura latino-americana contemporânea, políticas públicas para leitura e literatura, identidades latino-americanas, e ensino de português e da cultura brasileira para estrangeiros.

A Parte 7 traz um conjunto de textos que nasce do esforço em responder à pergunta central sobre de que modo mulheres negras e também indígenas podem inscrever suas vozes em uma história que tradicionalmente as excluiu. Milena Britto (2021, p. 436) parte da compreensão de que toda escrita produzida por mulheres negras carrega, simultaneamente, a experiência individual e a memória coletiva de um "outro" historicamente silenciado. Nessa perspectiva, o texto articula o conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo, entendendo a escrita como gesto de sobrevivência, denúncia e, sobretudo, de afirmação subjetiva. A organizadora cita que as estruturas coloniais continuam determinando quem pode ou não falar, produzindo violências. A oficina proposta pela FLUP, inspirada na obra multifacetada de Carolina Maria de Jesus, se torna um espaço de aprendizagem mútua: enquanto as participantes investigam ritmos, vocabulários e entrelinhas das canções e textos de Carolina, também reconhecem o Brasil marcado por desequilíbrio social que persiste até hoje.

Milena Britto (2021, p. 436) enfatiza que esse processo formativo durou noites de estudo e escuta, permeadas por debates com autoras e autores fundamentais do pensamento negro, entre eles Conceição Evaristo, bell hooks, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, Grada Kilomba

e Abdias do Nascimento. Esses encontros manifestaram o poder transformador da linguagem, capaz de reconstruir memórias, ressignificar dores, produzir beleza e projetar futuros possíveis.

> Todas as mulheres encontrarão lugar nesses pequenos textos. E aquelas e aqueles que, como eu, são de pele mais clara ou os chamados "pardos" pela herança racista que nos embranqueceu, poderão ler e descobrir, se ainda não tiverem descoberto, que, apesar de não existir somente uma forma de opressão, como nos mostra o feminismo interseccional, quanto mais melanina, mais chance de se ter a vida ceifada. Portanto, que nosso privilégio, seja ele qual for e de que tamanho for, dentro desta sociedade racista, seja sempre revertido em favor de vidas, de sonhos, de oportunidades para as e os que sofrem violência apenas por existirem (Britto, 2021, p. 438).

Os textos gerados nesse processo exemplificam a escrevivência: escritos que brotam da vida, do corpo, da ancestralidade e das marcas do racismo estrutural, que garantem sonhos e maneiras singulares de habitar o mundo. Embora compartilhem experiências de opressão, cada autora tem uma estética própria, expondo a diversidade das escritas. O gênero narrativo escolhido como base mostra-se fértil para cada mulher contar aquilo que deseja e assim produzir uma literatura que desafie modelos canônicos e assegure a estética da resistência:

> Nós que militamos em favor da causa antirracista continuamos insistindo que a supremacia branca e o racismo não terão fim enquanto não houver uma mudança fundamental em todas as esferas da cultura, em especial no universo da criação de imagens. Ainda assim, quando imagens libertadoras são criadas e apresentadas no mercado cultural, é difícil disseminar novas ideias, novas visõees (hooks, 2019, p. 22).

Milena salienta que esses textos iluminam vozes que o Brasil racista e patriarcal tentou calar, denunciam roteiros históricos de exclusão e anunciam a reinvenção do mundo. Inspiradas em Carolina Maria de Jesus, as autoras demonstram que a escrita é lugar de luta, memória, e convidam leitoras e leitores a somarem-se a essa construção coletiva.

2.9 Parte 8 - Catando palavras: Eduardo Coelho

Coelho apresenta o resultado de um ciclo de oficinas de escrita e contação de histórias realizadas com 20 catadoras de materiais recicláveis, ao longo de quatro meses, marcadas pelos efeitos sociais da Covid-19. As atividades iniciaram com uma escuta atenta, em que cada catadora contou o seu percurso biográfico, permitindo reconhecer desejos, repertórios e modos narrativos já presentes em suas vivências.

> As oficinas começaram a se estruturar a partir de uma escuta inaugural, em que cada uma das vinte catadoras relatou seu percurso biográfico. Dessa maneira, foi possível mapear os seus desejos, bem como enredos e técnicas de narrativa de que se valiam. Em seguida, suas experiências foram relacionadas a fragmentos do diário de Carolina Maria de Jesus, que serviram como dispositivos de criação (Coelho, 2021, p. 496).

As trajetórias foram então articuladas à leitura de trechos de *Quarto de despejo* (2020), que funcionaram como dispositivos criativos, uma autorização simbólica para que essas mulheres assegurassem a legitimidade de suas vozes. A escrita assumiu um caráter dialógico com o conceito de escrevivência, que traduz a experiência cotidiana de mulheres negras, periféricas, que transformam dor, memória e resistência em expressão literária e afirmação social. Ao produzir os textos, as catadoras revisitaram suas histórias e as ressignificaram, um movimento que muitas caracterizaram como terapêutico, de reconstruir sentidos e fortalecimento.

A metodologia, inspirada nas práticas do Laboratório da Palavra e do Programa Avanço de Cultura Contemporânea do Rio de Janeiro (PACC/UFRJ) e adaptada às necessidades do grupo, contou com o apoio de educadores populares e equipes universitárias comprometidas com a luta pelos direitos dos catadores. Os textos exibem narrativas profundamente humanas, marcadas por vulnerabilidade, coragem e esperança. Ao compartilharem suas escrevivências, divulgam realidades historicamente silenciadas.

3 ENTRE MEMÓRIAS, PALAVRAS E AFETO

A autora Eliana Alves Cruz, organizadora da terceira parte do livro *Carolinas* (2021), demonstra em sua trajetória literária um compromisso profundo com a revisão crítica da história do Brasil e com a recuperação de vozes silenciadas, especialmente da população negra, tornando-se uma das escritoras mais expressivas da literatura afro-brasileira contemporânea. Seu romance de estreia, *Água de Barrela* (2018), recebeu o Prêmio Oliveira Silveira, concedido pela Fundação Cultural Palmares, e a Menção Honrosa do Prêmio Thomas Skidmore. A obra reconstrói a história de sua família ao longo de três séculos, constituindo uma narrativa de ancestralidade que funde memória afetiva e pesquisa documental.

Dentre a sua vasta produção literária estão obras como *O Crime do Cais do Valongo* (2019), romance histórico-policial que aborda o contexto da escravidão no Rio de Janeiro; *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), que problematiza as dinâmicas do racismo estrutural e das hierarquias sociais no Brasil contemporâneo. Entre as suas últimas produções estão o romance *Solitária* (2022), em que a autora expõe as interseções entre trabalho doméstico, desigualdade racial e violência e *A Vestida* (2022), vencedor do Prêmio Jabuti, na categoria contos.

A partir desse amplo repertório, a autora conduz as oficinas que produzem as "Crônicas Carolinas" intituladas: "Viagem Intensa", de Eliana Alves Cruz; "Dar nomes aos bois", de Bioncinha do Brasil; "Descansa, militante!", de Blenda Santos; "Maripousar ou 30 de setembro de 1956", de Bruna Emanuele; "Amor em linhas d'água", de Bruna Lima; "Jogo de dentro", de Caelí da Silva Gobbato; "Entre a rua, este quarto e o ser", de Camila de Oliveira Silva; "Saudade de amor", de Camila Leopoldina; "O dia que acertei na cabeça", de Carolina Azevedo; "Resgatar para semear futuridades", de Carolina Ferreira; "Amor preto cura", de Carolina Santos; "Meninos de lá e de cá", de Caroline Jango; "Minha mãe é cor", de Carolini Santana; "Mãe-palavras!", de Célia Regina da Silva; "Álquingel cinquenta reais!", de Cexe; "Colo de Vó", de Cianna Braga; "Mais um dia dessa quarentena", de Cíntia Lima; "É preciso derramar leite", de Clara Anastácia; "Sapato novo e pé no chão", de Clarice Camps; "Uma história de amor", de Cleide Mello; "Fomes", de Cris Annie; "Devorares", de Cris Sabino; "Descoberta", de Daiana de Souza; "Fome de beleza", de Dalva Maria Soares; "A rua pelos meus olhos", de Danielle Lima; "Sangue e cura", de Danielle Martins; "Pigmalião 70", de Débora Almeida; "Quarto de empregada", de Denise Lima; "Poema, Cosmo e 600" de Suelen Gom.

A dinâmica de escrita das crônicas foi um encontro que aconteceu em que a orientadora acompanhava um grupo composto por cerca de 30 mulheres. Além das reuniões regulares, o grupo realizava frequentemente outras atividades, mantendo-se sempre conectadas. Eram

encontros marcados pelo acolhimento, trocas de experiências e escuta ativa que aconteciam pelas redes sociais. Antes e durante o processo, repetiram muitas vezes a leitura da obra *O quarto de despejo* da autora Carolina Maria de Jesus.

Em "Crônicas Carolinas", Eliana Alves Cruz organiza uma oficina inteiramente inspirada na escrita de Carolina Maria de Jesus, especialmente na força contida na frase de *Quarto de despejo* (2020, p. 31): "Levantei às cinco horas para ir buscar água." Para Cruz, essa frase aparentemente simples é um salto civilizatório, por marcar o momento em que Carolina toma posse da própria narrativa e assegura sua existência pela palavra. Ao escrever em primeira pessoa sobre a própria vida, Carolina rompe com séculos de silenciamento e inspira outras mulheres negras brasileiras a reivindicarem o direito de contar suas histórias.

As oficinas foram pensadas com o objetivo de proporcionar a partilha de vivências e, ao convidar as participantes a escrever crônicas, gênero que examina o cotidiano, registram o instante e captam a intensidade do presente, sem perder de vista as memórias que as antecedem. Dessa experiência emergiram trinta crônicas, cada uma constituindo um fragmento do ser mulher negra, brasileira e latino-americana (Carolinas, 2021, p. 88). Os textos funcionam como verdadeiras fotografias literárias: ora emocionadas, ora irônicas, ternas, indignadas ou delicadas, sempre anunciadoras de histórias de lutas, muitas vezes ausentes do espaço público.

> São trinta recortes de um dia, um momento ou um instante atravessado pelo ser mulher negra, latino-americana e brasileira. Fotografias emocionantes, engraçadas, ternas, talvez iradas. Potências fragmentadas e explodidas em letras com todas as cores deste espectro diverso e profundo (Cruz, 2021, p. 88).

O percurso de escrita exigiu enfrentamento. As autoras precisaram revisitar lembranças, dores, raivas e afetos, rompendo com o distanciamento da terceira pessoa para assumir a coragem da escrita de si, gesto tão emblemático na obra de Carolina. Cruz (2021) descreve esse processo como um "desabrochar", uma travessia marcada pela irmandade, reconhecimento mútuo e descoberta de vozes antes contidas. Ao final, emergem três dezenas de novas narradoras, mais seguras de suas palavras e conscientes dos caminhos que desejam trilhar (Cruz, 2021, p. 88). Algumas vivenciaram realidades próximas às de Carolina, outras não. Ainda assim, todas se reconhecem "Carolinas", pois já não há nenhuma adversidade capaz de impedir que utilizem a primeira pessoa como afirmação de presença. Escrever crônicas sobre o cotidiano tornou-se, para essas mulheres, um gesto de reivindicação da palavra, do protagonismo e da autorrepresentação. Nas oficinas, a escrita se consolidou como um ato de resistência, cura e afirmação identitária, uma verdadeira experiência de escrevivência, em que vida e literatura se

entrelaçam para produzir novos modos de existir.

Para Cruz (2021, p. 88), Carolina Maria de Jesus foi uma guia sensível e corajosa que iluminou o caminho de muitas autoras. Inspiradas pela paixão de Carolina pela palavra, as escritoras transformaram suas experiências em crônicas que narram a complexidade de ser mulher negra em um país desigual. As escritas de mulheres negras constituem um espaço relevante de construção literária e de interpretação crítica das experiências cotidianas.

3.1 Crônicas produzidas por mulheres negras: um vazio preenchido

A escrita de Carolina Maria de Jesus motiva a escrita, impulsionando um movimento na literatura produzida por mulheres negras. Nessa perspectiva, um dos gêneros textuais que envolve o leitor de maneira sensível é a crônica, sendo o que mais se aproxima da experiência cotidiana. Segundo Candido no texto *A vida ao rés do chão* (1981), a origem da crônica remonta ao folhetim, publicado nos rodapés dos jornais do século XIX que, inicialmente, trazia textos mais extensos e com o tempo foram encurtando, até chegar ao tamanho que possuem na atualidade.

> Ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou quotidiano, de tiragem relativamente grande e teor accessível, isto é, há uns cento e cinqüenta anos mais ou menos. No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção "Ao decorrer da pena", título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Aos poucos o "folhetim" foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro (Candido, 1981, p. 15).

A crônica, gênero textual que nasce do encontro entre a vida cotidiana e o olhar sensível de quem escreve, trata-se de um texto geralmente breve. Este tipo de texto foi publicado originalmente em jornais ou revistas: as crônicas partem de situações simples como uma conversa ouvida na rua, uma lembrança de infância, um fato curioso do dia a dia envolvendo a sociedade e as relações humanas. Para Candido (1981, p. 13), um traço marcante do gênero

crônica é a linguagem acessível, próxima da oralidade, criando uma relação de intimidade com o leitor. Ainda que simples na forma, a crônica pode apresentar grande profundidade temática, abordando questões sociais, políticas, culturais ou existenciais de maneira sutil e reflexiva. Segundo o autor, a subjetividade também é um elemento central, diferentemente da notícia jornalística, que busca objetividade, a crônica assume o ponto de vista do autor, denotando impressões, sentimentos e interpretações pessoais.

Muitas vezes, o narrador dialoga diretamente com quem lê, criando a sensação de conversa. Nesse contexto, Candido (1981, p. 13) argumenta que a crônica "se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade". Certamente, essa maneira natural de relatar os acontecimentos deixa o texto mais envolvente, ao aproximar o leitor da realidade apresentada na narrativa. A partir do momento em que as escritoras presentes na obra *Carolinas* (2021) participam das oficinas de escrita e conhecem a trajetória de Carolina Maria de Jesus, elas passam a reconhecer que muitas experiências vividas pela autora no passado se assemelham às suas próprias vivências no presente. Assim, a produção da obra *Carolinas* (2021) revela o cotidiano e a realidade das mulheres negras autoras:

> Mas antes de chegar nelas vamos pensar um pouco na própria crônica como gênero. Lembrar, por exemplo, que o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase. Há estilos roncantes mas eficientes, e muita grandiloqüência consegue não só arrepiar, mas nos deixar honestamente admirados. O problema é que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade. A literatura corre com freqüência este risco, cujo resultado é quebrar no leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar em conseqüência disto. Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou reestabelecer a dimensão das coisas e das pessoas (Candido, 1981, p. 14).

Ao registrar pequenos acontecimentos e anunciar a complexidade escondida nas experiências mais simples, o cronista nos convida a olhar o mundo com mais atenção e humanidade. Nesse sentido, a palavra dimensão é importante na análise das "Crônicas Carolinas", pois a dimensão de um olhar, uma palavra, um gesto são grandes frente a tantos obstáculos impostos pelo racismo estrutural da sociedade brasileira. Podemos observar esta transformação da dimensão dos fatos na crônica *Mãe-palavras!*, em que Célia Regina da Silva relata a oportunidade que teve de estudar e se tornar professora universitária. A autora destaca a questão da humanidade ao mencionar o fato de sua mãe ter sido impedida de prosseguir nos estudos por imposição machista de seu avô. No entanto, o sonho de estudar permaneceu vivo

no coração de sua mãe por toda a sua vida. Com emoção e orgulho, Célia Regina narra o momento em que acompanhou a mãe ao se tornar aluna da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A autora revela, por meio de suas palavras, a importância do amor materno, da persistência e da realização de sonhos que resistem ao tempo e às dificuldades:

> "Aluna aplicada" – escreveu a professora Regina, em referência à minha mãe, Oswaldina Ancelmo da Silva, aluna do projeto de alfabetização para adultos, em um clube social de Maricá, onde a professora aposentada ensinava a muitos desses estudantes de idade avançada, mas movidos por força motriz a fim de alfabetizar, de ler suas primeiras letras e adentrar ao mundo da escrita e da leitura (Silva, 2021, p. 108).

Para a cronista e professora universitária Célia Regina, acompanhar a mãe no processo de alfabetização por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi uma experiência marcada pela emoção e pelo reconhecimento da importância da educação como possibilidade de transformação e realização pessoal. O relato demonstra o significado do retorno aos estudos para pessoas que, por diferentes circunstâncias sociais e econômicas, não puderam concluir a escolarização na idade considerada adequada. Nesse contexto, a EJA se apresenta como uma política pública fundamental para garantir o acesso à educação àqueles que foram historicamente excluídos desse direito. Entre os grupos mais afetados por essa exclusão estão as mulheres negras, que frequentemente tiveram suas trajetórias interrompidas pelas desigualdades sociais, pelo racismo e pelas imposições de gênero, fatores que limitaram suas oportunidades de permanência no ambiente escolar.

O cotidiano, algo que pode ser relacionado ao comum, ao banal, na vida da população negra do Brasil, é algo que carrega uma imensa complexidade. Podemos observar esta dicotomia na crônica "Descansa, militante!", onde o descanso está relacionado à prática política. Blenda Santos constrói uma narrativa marcada pelo tom da exaustão que toma conta da sua vida e pelo convite ao repouso feito pela própria autora. O texto é narrado por uma mulher que garante que não falará de racismo e irá "descansar a militância" após receber a denominação de militante. No entanto, ao longo da narrativa, relembra situações de negligência e morte de pessoas negras, contrapondo simbolicamente o "dia de branco", associado a privilégios e normalidade, ao "dia de preto", marcado por abandono e exclusão social:

> Hoje eu não vou falar de racismo. Ontem me chamaram de militante e me mandaram descansar. Hoje vou aproveitar o dia para descansar a militância [...] Brasil é mãe ou pai? Depende do dia. Se for dia de branco, é mãe e pai, a família tradicional. Se for dia de preto... É órfão? Brasil tem mais de 60% de crianças negras à espera de adoção, mas, hoje não.Hoje eu não vou falar de racismo. Hoje é dia de descanso (Santos, 2021, p. 92).

Enquanto tenta se distrair e evitar o tema, a narradora ironiza as expectativas impostas a quem denuncia o racismo, criando uma espécie de "manual do militante" com regras que orientam a não acusar, não confrontar e não responsabilizar o Estado ou a sociedade. Ao mencionar o apagamento da história e da ancestralidade negra, o texto destaca a permanência das desigualdades raciais no país. Ao final, a repetição da ideia de descanso indica a impossibilidade de se afastar da militância quando a condição de ser negro está constantemente atravessada pelo racismo.

O texto de Blenda Santos marca o racismo da sociedade brasileira e a diferença entre as realidades a partir do racismo estrutural, sobretudo quando se trata de mulheres negras, que historicamente sustentam as suas próprias trajetórias, as de suas famílias e comunidades. A autora reivindica o descanso como dimensão intrínseca da luta política, rompendo com a ideia de que a militância exige dedicação ininterrupta, ou seja, pausar é uma estratégia de preservação e fortalecimento. Os limites são descritos por Blenda Santos na medida em que ironiza o seu direito ao descanso, que parte da crítica política, pela necessidade de nomear, explicar e resistir ao racismo em uma sociedade que frequentemente deslegitima essa denúncia, tratando-a como exagero ou "militância". A crônica problematiza o estereótipo da "mulher negra forte", que desumaniza ao negar fragilidades e necessidades de cuidado. Nesse sentido, compreendemos a produção dessas mulheres a partir da afirmação de que:

> Como escritoras/es e acadêmicas/os *negras/os,* estamos transformando configurações de conhecimento e poder à medida que nos movemos entre limites opressivos, entre a margem e o centro. Essa transformação é refletida em nossos discursos. Quando produzimos conhecimento, argumenta bell hooks, nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor – a dor da opressão (Kilomba, 2019, p. 59).

Grada Kilomba mostra que a produção intelectual é um ato de transformação das estruturas de poder e conhecimento, que nascem da experiência, da reflexão. Santos (2021), coaduna com Kilomba, pois ambas abordam sobre a necessidade da experiência na produção discursiva negra, desafiando e revelando o desconforto de viver o racismo. Nesse sentido, a produção intelectual constitui uma prática voltada à transformação das estruturas

historicamente excludentes e à construção de novos saberes, fundamentada na preservação da memória e na valorização das experiências coletivas.

Em “Amor em linhas d’água”, Bruna Lima (2021, p. 95) narra a história de um amor construído em gestos simples e silenciosos. A narradora menciona memórias de momentos compartilhados com a pessoa amada, exibindo em detalhes a admiração pelo que viveram juntas. Ao escrever, traz à memória os registros que ficaram da história de um amor que se foi com o vento e de quem guarda pedaços preciosos. O sentimento, embora ainda latente, é transformado em poesia e saudade. A cronista expressa, por meio da escrita, os sentimentos que não consegue comunicar verbalmente à pessoa amada. Assim, ao registrar com sensibilidade os pequenos gestos e detalhes do cotidiano, ela transforma a escrita em um meio de revelar a intensidade de suas emoções:

> Ela pensa que estou à toa em nossos momentos, alheia de nós e mal sabe que registro todas as cenas, todos os flashes, toda nossa pele... Mal sabe que estou a registrar cada passo, cada respiração em todos os ângulos, do momento em que seu corpo se movimenta ao sinal da água em ebulição na chaleira até o levar da xícara aos seus lábios. Sem açúcar, por favor (Lima, 2021, p. 95).

O amor surge de forma espontânea e intensa, criando morada silenciosa no peito desde o primeiro encontro, no entanto, agora vive a ausência: está sozinha, distante de sua amada, presença que preenchia seus dias, restando apenas as lembranças e a repetição mental das cenas vividas. Entre memórias, saudade e poesia, a narradora reconhece a intensidade desse amor e a dificuldade de vivê-lo plenamente. Apesar da distância, mantém viva a esperança de reencontro, acreditando que tudo poderia ser resolvido no abraço que ainda deseja.

A autora elabora a poética do afeto, estabelecendo uma metáfora que associa a experiência amorosa ao movimento das águas. Essa escolha permite compreender o amor como fluxo vital, instável, mas também capaz de gerar cura, memória e continuidade:

> [...] explode o peito a ecoar atropeladamente todo o amor que existe em mim e que derramo sem perceber quando estou a te observar. Enquanto escrevo, lembro do trecho de uma canção e me sinto em casa no transportar das lembranças: “prove que o amor é pra quem sabe o que quer, bem como eu sou.” E de escolhas não entendo bem, mas o que sei é que, de tanto pensar no que quero, o meu querer nem me avisou e foi criando casa em você (Lima, 2021, p. 96).

A diegese desloca o amor de uma perspectiva romântica e individualizada, propondo-o como prática ancestral. Ao enfatizar o afeto como vínculo que atravessa gerações, a autora

inscreve o amor negro como força política, capaz de resistir às estruturas de desumanização.

Em “Jogo de dentro”, escrito por Caelí da Silva Gobbato (2021, p. 97), o amor também figura como resistência histórica. Na crônica, a narradora acorda com a lembrança insistente de um amor marcante. Enquanto realiza as tarefas simples da rotina: preparar o café, organizar a casa e observar a rua, é tomada por memórias intensas de momentos vividos ao lado dessa pessoa, o reencontro cheio de saudade, o beijo inesperado, os dias passados juntos em intimidade e cumplicidade. As recordações mostram a força da conexão entre os dois, marcada pelo desejo, afeto e entrega. Ao mesmo tempo, o texto descreve como o tempo passou, transformando a relação em lembrança, mas não apagando sua intensidade. Entre nostalgia e reconhecimento, a narradora constata a própria força e crescimento, entendendo que a grandeza que carrega vem de sua trajetória e das experiências que viveu. Ao final, deixa as memórias em casa e segue para começar o dia, levando consigo a consciência da própria maturidade e da força que construiu ao longo do caminho:

> Depois de tanto fim de mundo que já passei, olhei pra minha cara de mulher bonita, linda, tão senhora de mim, tão forte, tão forte, tão cheia de dignidade e de orgulho, que me espantou. O tempo vai passando e a gente se esquece de olhar pra toda essa força que sobreviveu a tanto, que ainda amparou um bocado de outras gentes por aí (Gobbato, 2021, p. 98).

Na metáfora do “Jogo de dentro”, o texto transparece a complexidade de emoções e reflexões que atravessam a experiência da mulher negra em uma sociedade racista. A autora justifica que a resistência também se constrói na intimidade, no monólogo e na capacidade de transformar dores em estratégias de sobrevivência.

A introspecção é vista como uma preparação, uma organização e criação de novas possibilidades de existência. Desta forma para as mulheres negras, o descanso e o amor foram historicamente negados por uma lógica racista e sexista que as construiu no discurso social que mulheres negras estão destinadas ao trabalho e o afeto e algo incostante.

Ao analisar conjuntamente “Descansa, militante!”, “Amor em linhas d’água” e “Jogo de dentro”,constata-se um ponto de convergência fundamental: todas as histórias reivindicam a humanidade plena da mulher negra, valorizando o descanso, o afeto e a interioridade. Enquanto a crônica de Blenda Santos manifesta a urgência do autocuidado e da pausa como estratégias políticas, “Amor em linhas d’água” propõe que o amor entre duas mulheres, apesar de ainda hoje afrontar a sociedade, mostra-se forte e resistente a todas as formas de pré conceitos.

Em “Jogo de dentro”, o enfrentamento das opressões também se dá na esfera íntima, na elaboração subjetiva que fortalece a ação coletiva. As três narrativas recusam a redução da

mulher negra a estereótipos inabaláveis, ao contrário, abrem espaço para múltiplas formas de ser e existir, onde o descanso, o amor e a subjetividade são compreendidos como caminhos políticos e estéticos de emancipação. Dessa forma, ao elaborar suas crônicas, as autoras reivindicam um outro cotidiano, um cotidiano menos violento e desigual em que encontrem a alegria, o amor, o descanso ou a própria literatura que se concretiza no ato da escrita.

3.2 As vozes das mulheres negras que enfrentam o cotidiano

Nesta seção, abordardamos diferentes formas de amor negro, uma vez que, para a mulher negra, amar também pode ser compreendido como um ato de resistência. Conforme bell hooks (2021, p. 131), "amar é um ato de vontade - isto é, tanto uma intenção quanto uma ação". Nessa perspectiva, o amor manifesta-se de diversas formas, seja no amor materno, seja nos relacionamentos heterossexuais ou homoafetivos. Nas crônicas analisadas, o amor se apresenta em sua intensidade, força e coragem, constituindo-se como uma prática de afeto e resistência diante das marcas deixadas pelo racismo na vida da população negra. Assim, analisaremos narrativas que retratam esse amor plural e, ao mesmo tempo, singular em suas vivências e significados.

O livro *Carolinas* (2021) revela diferentes modos de experienciar o cotidiano e de reinscrever a subjetividade negra em um espaço historicamente marcado por silenciamento. No texto "Amor preto cura", a autora Carolina Santos compara o amor ao preparo de um bolo de chocolate. A autora constrói uma metáfora delicada a partir dos ingredientes da receita do bolo e o modo de fazer, sobre como o amor deve ser cultivado: com cuidado, equilíbrio e atenção aos detalhes:

> Cacau em pó. Farinha. Leite. Manteiga. Ovos. Açúcar e fermento. Pra mim, o amor tem gosto de bolo. Bolo de Chocolate.
> Entre uma tentativa e outra, descobri que é melhor usar vasilha de vidro, daquelas antigas, com o vidro leitoso. Elas não alteram o sabor da receita, como o plástico.
> Segure a vasilha com cuidado, porque ela pode parecer forte, mas se cair, quebra.
> Misture os ingredientes secos. Use uma peneira, para não passar os grumos. O amor, feito com os ingredientes peneirados, tende a ser mais leve (Santos, 2021, p. 105).

A metáfora construída por Carolina Santos aproxima o amor de um processo que exige atenção, cuidado e disposição para aprender com a experiência. Ao comparar o preparo do bolo às relações afetivas, a autora sugere que o amor não surge pronto, é construído gradualmente,

vai se fortalecendo com a convivência, por meio de escolhas e atitudes cotidianas. Nesse contexto, a referência à vasilha de vidro adquire um significado importante. Embora o vidro seja visto como um material resistente, sua fragilidade se revela diante de uma queda, podendo se partir de forma irreversível. O ser humano também pode ser afetado por experiências de dor, abandono ou violência, mas possui a capacidade de reconstruir-se e atribuir novos sentidos às suas trajetórias. A imagem proposta pela autora chama a atenção para a necessidade de cuidado nas relações, ao mesmo tempo em que evidencia a complexidade da experiência humana, marcada tanto pela vulnerabilidade quanto pela capacidade de reconstrução.

É importante compreender que a vasilha de vidro, embora pareça resistente, é na verdade frágil e exige cuidado constante no manuseio. Um descuido pode comprometer toda a sua estrutura. É possível refletir sobre como crenças racistas historicamente atribuíram às pessoas negras a ideia equivocada de que seriam mais resistentes à dor ou ao sofrimento, como se pudessem suportar mais do que outras pessoas. Essas ideias foram utilizadas para justificar sobrecargas, violências e a falta de cuidado. A relação afetiva é a reivindicação da crônica: temos a receita como instrução para o cuidado.

> Coloque uma pitada de sal e misture à mão para sentir o amor nascer. O sal realça os sabores e não deixa que o açúcar prevaleça. Amor não precisa ser doce, mas tem que ser gostoso.
> Não use batedeira, pois ela pode arear a massa, criando espaços entre ela. Eu não acho legal. Eu gosto de bolo que parece um abraço apertado.
> Acrescente, por último, o fermento e misture com rapidez. Se misturar devagar, a massa pode transbordar dentro do forno e não queremos ter de limpar essa sujeira. Nem demais nem de menos. O amor deve crescer o suficiente. (Santos, 2021, p. 105).

A narradora destaca que o amor não precisa ser excessivamente doce, mas deve ser verdadeiro e acolhedor, como um abraço apertado. Não há medidas exatas nem tempo determinado, pois cada pessoa sabe a quantidade de amor que pode oferecer e o momento certo em que ele está pronto. Se não der certo, é possível tentar novamente, sem desistir. O texto finaliza enfatizando que amar é um processo de tentativa, aprendizado e persistência e, assim como o bolo de chocolate, vale sempre a pena insistir.

“Amor preto cura” exalta o papel do amor negro como mecanismo de transformação, articula a noção de cura pelo afeto, mostrando o modo como as relações amorosas entre parceiros, familiares e comunidade funcionam e os espaços de recomposição diante das violências cotidianas. A autora rompe com imagens estigmatizadas que associam a experiência negra exclusivamente à dor e ao sofrimento, valorizando a possibilidade de alegria, cuidado e reciprocidade.

Segundo hooks (2021, p. 50), “o amor é uma combinação de cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança”. O amor é apresentado como uma prática política, ao resistir às tentativas históricas de desumanização da população negra, que por séculos foi tratada feito objeto de segregação e exclusão. Para a sociedade, é algo quase performático, o corpo negro sendo sempre objetificado, apenas para a força do trabalho e sua estrutura familiar serem fragilizadas, crenças que fazem parte do próprio processo de escravização: a perda de identidade, o apagamento de sua história, o rompimento forçado das famílias ao chegar a terras habitadas pelos europeus. Segundo Carine (2024):

> Crenças racistas fazem com que mulheres e homens negros não recebam carinho, ou porque a sociedade acha que não precisam ou porque verticalizam o carinho para baixo na cabeça e não conseguem acariciar um cabelo black, dredado, de trança. É uma aprendizagem de dor para essas mulheres, algo que atravessa as suas lágrimas derramadas e negligenciadas ao longo de uma vida, que atravessa as queimaduras do couro capilar desde o ferro até a guanidina que usam para se moldar a alguma medida social e serem aceitas (Carine, 2024, p. 81).

A autora demonstra que o amor é um ato de liberdade e a negação do carinho, do cuidado e da valorização não ocorre de maneira isolada. É um ato que está relacionado a estruturas históricas e à construção de novas formas de vida coletiva que desumanizaram corpos negros e estabeleceram padrões de aceitação baseados na rejeição de suas características físicas e identitárias. Para Carine (2024, p. 81), o racismo atua também no campo afetivo, interferindo na forma como pessoas negras são percebidas e tratadas socialmente. A autora amplia a discussão proposta por hooks ao mostrar que o amor, o cuidado e o respeito também são influenciados por relações de poder e desigualdade racial. A experiência das mulheres negras revela marcas construídas ao longo da vida por meio da exclusão, da violência e da necessidade constante de adaptação a padrões impostos socialmente.

Na crônica “Minha mãe é cor”, de Carolini Santana (2021, p. 107), a narradora busca o mar, um refúgio para organizar os próprios sentimentos e refletir sobre um amor que a inquieta, enquanto analisa a baía agitada e sente o cheiro da maresia misturada à poluição. Entre a paisagem tempestuosa e os pescadores tentando salvar seus barcos da ressaca, a narradora reconhece em si a mesma turbulência do mar. O texto descreve o encanto inicial, a identificação com o seu amor e seus discursos e da frustração ao perceber que suas lutas não eram plenamente contempladas na relação. A solidão e a desilusão parecem tingir tudo de cinza. Na estruturação da crônica, o grito dos pescadores faz a

narradora sair de seus devaneios e voltar para a realidade: “Os gritos dos pescadores me assustam. Respiro e de novo sinto o cheiro de seu perfume. O mar bate forte na mureta e molha meus pés” (Santana, 2021, p. 108).

Ao decidir voltar para casa, a narradora vê a imagem da mãe que surge como ponto de luz entre o acinzentado dos pensamentos que povoam as primeiras linhas da crônica. No sorriso e na força dessa mulher trabalhadora, a personagem reencontra sentido, cor e pertencimento. Nesse instante, ela entende que amar outras mulheres deve ser possível e leve quando há partilha de histórias, lutas e esperanças comuns. Assim, a escritora manifesta a relação de amor que tem com a mãe.Entretanto, o amor experimentado pela mulher preta não se restringe aos laços familiares e de ancestralidade. Ele também se revela nas relações afetivas e amorosas, marcadas por desejos, expectativas, vulnerabilidades e contradições. É nesse horizonte que a narrativa amplia sua reflexão sobre o afeto, deslocando-se para a esfera do encontro íntimo e romântico.

Essa é apenas uma das formas de amor vivido pelas mulheres negras que *Carolinas* (2021) apresenta em seus escritos. Em outro momento, vamos encontrá-lo representado também com intensidade, porém um outro tipo de amor, aquele que deseja proteger, cuidar. Assim é a crônica de Carolini Santana. Ela traz o amor materno, representado pela admiração e pelo reconhecimento expresso nas referências que faz à sua mãe:

> Decido voltar para casa. Ao longe vejo minha mãe descendo a rua, passos largos e decididos à procura de abrigo da chuva e do dia extenuante de trabalho. Há um aceno e um sorriso que acende seus olhos cansados. Tudo é cinza, menos ela. Sim, minha mãe é cor, história, luta. Minha mãe carrega toda a beleza do mundo, a forma de seu corpo é a consolidação da luta e do amor de todas nós. É a prova que amar outras mulheres pode ser fácil, principalmente quando compartilhadas as batalhas, esperanças e cores (Santana, 2021, p. 108).

A associação entre a mãe e a cor ultrapassa a dimensão biográfica e torna-se metáfora para a experiência coletiva das mulheres negras. O texto, ao relacionar a maternidade à beleza da cor, questiona padrões estéticos e raciais que historicamente invisibilizaram a beleza negra. Ao contrário, a narrativa ressignifica a cor como lugar de orgulho e pertença, reconhecendo na mãe o espelho de resistência e dignidade. Em diálogo com Lélia Gonzalez (1988, p. 64), pode-se compreender a figura da mãe guardiã de uma memória coletiva que conecta passado, presente e futuro da comunidade negra. No texto de Carolini, a descrição da mãe marcada pelo trabalho, pela luta e pelo afeto mostra a experiência de mulheres que sustentaram suas famílias e comunidades mesmo diante das desigualdades a

que foram expostas. A cor é associada à identidade, à memória e ao pertencimento.

Nas três crônicas presentes na parte 02 da obra “Crônicas Carolinas” (2021), é possível analisar a interrelação por tratarem sobre o afeto, a memória materna e a ancestralidade como dimensões centrais da experiência negra. “Amor preto cura”, de Carolina Santos (2021, p. 105), confirma que o poder do amor é prática de cura e resistência; “Minha mãe é cor”, de Carolini Santana (2021, p. 107), ressignifica a cor e a maternidade, lugares de orgulho e identidade; e “Mãe-palavras!” de Célia Regina da Silva (2021, p. 108), enfatiza a importância da palavra materna como transmissão de cultura e fortalecimento subjetivo. Da mesma maneira, Carolina Maria de Jesus, além de escritora, foi uma mãe corajosa que lutou incansavelmente pelos seus filhos e, em seu diário, deixou sua poesia em homenagem às mães.

> 11 de maio - Dia das mães. O céu está azul e branco. Parece que até a natureza quer homenagear as mães que atualmente se sentem infeliz por não poder realizar os desejos dos seus filhos. [...] O sol vai galgando. Hoje não vai chover. Hoje é o nosso dia. [...] A D. Teresinha veio visitar-me. Ela deu-me15 cruzeiros. Disse-me que era para a Vera ir no circo. Mas eu vou deixar o dinheiro para comprar pão amanhã, porque eu só tenho 4 cruzeiros (Jesus, 2020, p. 35).

A autora revela a sensibilidade com que observava o cotidiano e as dificuldades vividas por muitas mães em contextos de pobreza. Carolina descreve uma imagem poética ao escrever sobre o céu azul que contrasta com a infelicidade sentida pelas mães em sua luta cotidiana.

3.3 Crônica e ancestralidade

A relação entre crônica e ancestralidade pode ser compreendida a partir da capacidade que o gênero possui de registrar experiências cotidianas, memórias e modos de vida de diferentes gerações. Embora a crônica esteja tradicionalmente associada ao relato do cotidiano e da vida urbana, muitos escritores utilizam esse espaço narrativo para recuperar histórias familiares, lembranças coletivas e referências culturais ligadas à ancestralidade, especialmente no contexto da literatura negra brasileira, como argumenta Arrigucci (1987, p. 52), a “crônica pode constituir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou o meio de se inscrever a História no texto. Além disso, ao distanciar-se no passado pode se transformar em fonte da imaginação”. Já a ancestralidade não se limita à ideia de herança familiar, envolve também a transmissão de saberes, valores, memórias e formas de resistência construídas

historicamente. Essa perspectiva ajuda a compreender que a crônica pode funcionar como espaço de preservação de memórias, ao transformar experiências individuais em narrativas que dialogam com a história coletiva. Segundo Mongim (2017, p. 25), “a ancestralidade figura como uma categoria analítica que contribui para a produção de sentido e para a experiência ética na obra”.

Ao abordar lembranças da infância, da família e das relações comunitárias, a crônica frequentemente recupera figuras ancestrais, como mães, avós e pessoas mais velhas responsáveis pela transmissão de conhecimentos e experiências. Conceição Evaristo (2020, p. 35) associa esse movimento à escrevivência, conceito que define uma escrita marcada pelas vivências da população negra e pela relação entre memória, experiência e coletividade. Embora a autora trate principalmente do romance e do conto, sua reflexão também contribui para pensar a crônica como um espaço de elaboração da memória ancestral.

A presença da oralidade na construção da crônica a aproxima das tradições africanas e afro-diaspóricas, nas quais a palavra possui papel fundamental na preservação da história e da identidade coletiva. Na crônica, essa influência pode ser percebida na linguagem próxima da fala, nas narrativas elaboradas a partir da experiência cotidiana e na valorização das memórias familiares e comunitárias. A relação entre crônica e ancestralidade também aparece como forma de resistência ao apagamento histórico da população negra. Ao narrar experiências muitas vezes silenciadas, cronistas negros transformam o cotidiano em espaço de afirmação identitária e de preservação da memória coletiva. O gênero ultrapassa a simples descrição de acontecimentos diários e a atua como instrumento de valorização cultural e de reconstrução histórica.

Dessa maneira, a crônica pode ser entendida como um gênero literário capaz de articular memória, oralidade e ancestralidade, permitindo que experiências individuais dialoguem com trajetórias coletivas. Ao recuperar vozes, histórias e saberes, ela contribui para a permanência de referências culturais e para o fortalecimento das identidades negras, assim como na crônica “Mãe-palavras!”, onde são apresentadas lembranças afetivas da autora sobre sua mãe, Oswaldina, que, já idosa, participou de um projeto de alfabetização para adultos, sendo elogiada como “aluna aplicada”. Em um momento de saudade, após a partida da mãe, a narradora recorda a convivência das duas após levar a mãe para morar com ela na Bahia, depois da morte do companheiro e do agravamento de sua saúde, marcada por acidentes vasculares cerebrais (AVCs), perda de memória e da visão:

> Os fins de semana eram os dias mais solitários para nós duas, sem a presença das cuidadoras, da movimentação feita com a circulação de profissionais da saúde que ajudavam nos cuidados com ela. Nestes dias, uma sensação estranha tomava conta de mim, misto de agradecimento e medo, ao constatar que tínhamos apenas uma à outra – depois que meu "paidrasto" falecera no Rio de Janeiro, eu a trouxe para morar comigo em Ilhéus, na Bahia. Cidade em que sou migrante, escolhida para morar depois que me tornei professora de universidade pública e que ela desejava há muito conhecer, quando ainda estava saudável, não tinha sido tomada pelo esquecimento, pela demência resultante de dois AVCs (Silva, 2021, p. 109).

Célia Silva (2021), após tornar-se professora universitária, passou a vivenciar com mais tranquilidade o cuidado com a mãe. A ascensão acadêmica de Célia é parte de um processo emancipatório que possibilita à mulher negra ocupar espaços historicamente negados. O texto apresenta sentimentos contraditórios de gratidão e medo, que surgem da percepção de que, naquele momento, elas tinham apenas uma à outra. A mudança para Ilhéus após a morte do padrasto e o desejo antigo da mãe de conhecer a cidade antes do avanço da demência dão à narrativa ainda mais sensibilidade.

Em seus escritos sobre o cotidiano, revela-se a emoção e o privilégio de acompanhar e cuidar da matriarca da família. Elementos como estar na companhia da mãe e oferecer-lhe os cuidados necessários para uma melhor qualidade de vida constituem experiências aparentemente comuns, mas carregadas de significados profundos. O desejo de retribuir os cuidados recebidos ao longo da vida por meio da presença, da atenção e do afeto confere a esses momentos um valor singular. Nesse sentido, Candido (1981, p. 19) destaca a importância de reconhecer "o papel da simplicidade, brevidade e graça", elementos que permeiam narrativas capazes de revelar a profundidade humana presente nos acontecimentos cotidianos. A autora converte uma cena doméstica, marcada pelo cuidado e pela solidão, em um testemunho das transformações possibilitadas pelo acesso à educação. A trajetória de sua mãe foi marcada por uma realidade distinta, em razão do racismo e do machismo estrutural, ela não teve acesso às mesmas oportunidades educacionais e profissionais que foram possíveis para a filha.

Como aponta Sueli Carneiro (2023, p. 88), "o epistemicídio implica em um processo persistente de produção da indigência cultural: pelo acesso à educação", essa reflexão evidencia como a negação do conhecimento e da escolarização constituiu um mecanismo de exclusão da população negra, limitando possibilidades de mobilidade social e reconhecimento. Dessa forma, a presença de uma mulher negra no espaço universitário representa mais do que uma conquista individual. Trata-se da materialização de um processo de resistência diante das desigualdades raciais e de gênero que restringiram o acesso da população negra à educação. Ao ocupar esse espaço, Célia transforma sua própria trajetória, produzindo impactos concretos na

vida de sua família, especialmente ao proporcionar melhores condições de cuidado à mãe.

Ao mesmo tempo, a narrativa mostra que as conquistas não anulam os vínculos familiares nem as marcas das desigualdades. Sua trajetória torna-se um exemplo de como a educação pode constituir um movimento de emancipação e de enfrentamento às estruturas de opressão. A crônica "Mãe-palavras!" transforma uma experiência íntima e familiar em reflexão sobre afeto e memória, demonstrando como as conquistas individuais são atravessadas por processos coletivos de luta e resistência.

O relato também dialoga com as reflexões de Lélia Gonzalez (2020), ao certificar que a trajetória das mulheres negras é marcada pela necessidade constante de enfrentar e transpor barreiras impostas por estruturas raciais e de gênero. O fato de a autora ocupar o espaço universitário representa a materialização de um direito negado às mulheres negras. A crônica ressignifica o cotidiano ao revelar que, por trás de um fim de semana de cuidados e companhia mútua, encontra-se uma história de luta, permanência e conquista, em que o ordinário se transforma em expressão da resistência e da afirmação da existência negra. Assim, o texto revela como o amor, o companheirismo e a dedicação se mantêm presentes mesmo diante das dificuldades impostas pela doença e pelo esquecimento.

Ao organizar documentos em um dia chuvoso, Célia Regina encontra pastas, fotografias e, especialmente, o caderno escolar da mãe, cuidadosamente encapado, símbolo de seu sonho tardio de aprender a ler e a escrever. A descoberta reacende memórias e cunha a força e a persistência dessa mulher, que contrariou a ideia de que estudar "não era coisa para mulher". Ao final, a autora reconhece que sua própria trajetória acadêmica também é fruto do desejo e da luta da mãe, eternizando em palavras o amor e a admiração que sente por ela.

> [...] Lá dentro, bem traçadas linhas surgiram de sua criatividade e vigor. O sonho de ler e escrever a perseguiu durante toda a vida, na tentativa de superar máxima de meu avô José Gabriel: "Estudar não era coisa pra mulher."
> Para o maior orgulho de minha mãe, eu, sua única filha entre três filhos, pude bem fazê-lo e assim eternizar em escrita todo o meu amor com as palavras por ela encantadas (Silva, 2021, p. 110).

Portanto, a conquista educacional da filha pode ser compreendida como uma continuidade dos sonhos interrompidos da mãe. Embora tenha sido privada do acesso à escolarização, a mãe não abandonou o desejo de aprender. Ao reconhecer que sua trajetória acadêmica é resultado dessa herança de luta e perseverança, a autora transforma a escrita em

um gesto de memória e homenagem.

Em “Colo de Vó”, Cianna Braga (2021, p. 111) relata as tardes compartilhadas entre D. Maria e sua neta, marcadas por afeto e memória. D. Maria, mulher negra e indígena, mãe solo de treze filhos e já centenária, cultivava plantas medicinais e dominava conhecimentos ancestrais que utilizava para cuidar de quem precisasse.

> – Eu era uma indiazinha arteira, como dizia minha mãe. (Pausa. Respira fundo. Lembra dos momentos. Abre os olhos e sorri.) Lembro como se fosse hoje. A gente morava bem aí em Pacatuba. Eu gostava de subir a serra com uma turma e a gente ia tomar banho no rio que se formava entre as pedras. Pense numa água bem geladinha. Era bom demais. Na descida, a gente subia nas árvores e trazia uma ruma de frutas. Trazia manga, tamarindo, seriguela e depois a gente se sentava debaixo de uma árvore e íamos saborear tudinho. Era muito divertido (Braga, 2021, p. 112).

Enquanto confeccionava tapetes com tiras reaproveitadas de sacos de feira, Cianna Braga contava histórias de sua infância em Pacatuba, relembrando com alegria as aventuras na serra, os banhos de rio e as frutas colhidas nas árvores. Encantada, a neta ouvia cada relato com atenção, sentindo-se parte das experiências. Entre histórias, café no fogão a lenha e gestos de carinho, como o cafuné no colo da avó, fortalecia-se um vínculo profundo de amor e cumplicidade. D. Maria sabia que seu tempo era breve, mas tinha certeza de que suas histórias permaneceriam vivas na memória da menina e nas gerações futuras e, ao final de mais uma tarde simples e feliz, as duas se abraçavam, reiterando que o amor e a tradição atravessam o tempo.

A avó adorava passar o tempo com a neta. Dona Maria tinha consciência da importância daqueles momentos compartilhados, pois eles representavam um processo de construção ancestral e afetiva. Enquanto contava histórias sobre sua vida e suas memórias, a neta a ouvia com atenção e curiosidade. A memória era construída paulatinamente, como quem tece os fios de um tapete. Cada história acrescentava uma nova linha à trama, ampliando o conhecimento da neta sobre sua família, suas origens e suas tradições. Dona Maria compreendia que, assim como um tapete ganha forma gradualmente a partir do entrelaçamento dos fios, os laços entre as gerações também se fortalecem por meio das narrativas, das lembranças e da partilha de experiências.

“Colo de Vó” propõe a consolidação e o fortalecimento dos laços para a perpetuação do afeto maternal. O sentimento ancestral, conforme menciona Cianna Braga (2021, p. 112), recupera a imagem da avó, símbolo de sabedoria e de afeto coletivo. O colo é descrito como um espaço de proteção e de cura, além de território de transmissão de memórias e

saberes. A figura da avó não se restringe à esfera íntima, assume papel central na continuidade cultural, funcionando como mediadora entre gerações e guardiã da história e da memória afetiva.

> Ela adorava reviver aqueles momentos prazerosos com a neta. Pois sabia a importância das suas histórias para sua menina e que elas estariam vivas mesmo depois de sua morte. Assim como os tapetes são construídos materialmente, as histórias tornam-se pulso de vida para os seus descendentes. Apesar de nunca conversar sobre sua morte com a menina, ela sabia que o seu tempo de vida era curto e cada momento com a neta era precioso (Braga, 2021, p. 112).

Cianna Braga (2021, p. 112) destaca a importância da contação de histórias entre gerações. Ao rememorar suas lembranças com a neta, a avó mantém vivas suas experiências e afetos, mostrando que as narrativas familiares constroem laços e deixam marcas profundas que permanecem na vida dos descendentes.

> À sua frente as diversas plantas medicinais que cultivava com toda sabedoria herdada de seus ancestrais. Se alguém adoecesse, ela tinha uma planta curativa.
> Ela sempre tinha um feito com as plantinhas, seja um lambedor, um chá, uma imersão de ervas no álcool, essas eram práticas vivas e latentes que ela passou adiante (Braga, 2021, p. 111).

O trecho supracitado estabelece uma forte relação com o conto “Macabéa, Flor de Mulungu”, de Conceição Evaristo (2023), pois ambos os textos valorizam os saberes ancestrais ligados ao uso das plantas medicinais como forma de cuidado, cura e preservação da memória cultural afro-brasileira. No primeiro texto, a personagem é apresentada como uma mulher que cultivava plantas medicinais e dominava práticas tradicionais herdadas de seus ancestrais, utilizando chás, lambedores e ervas para tratar enfermidades. Esses conhecimentos aparecem como práticas transmitidas entre gerações, demonstrando a continuidade das tradições populares e a importância da ancestralidade na construção da identidade cultural e coletiva.

Do mesmo modo, no conto de Conceição Evaristo, Macabéa, Flor de Mulungu é representada como herdeira de conhecimentos ancestrais relacionados às plantas e aos processos de cura. A personagem domina saberes sobre ervas medicinais, especialmente a flor de mulungu, utilizada para acalmar, aliviar sofrimentos e auxiliar na cura do corpo e da alma. Conforme afirma Evaristo (2023, p. 19), “Ela sabia da serventia de várias plantas. O chá das folhas maceradas de mulungu tinha efeito sedativo”. A narrativa mostra que esses conhecimentos foram herdados, reforçando a relação entre memória ancestral e tradição

cultural. Assim, os dois textos aproximam-se ao mostrar mulheres negras como guardiãs de saberes tradicionais, transformando o cuidado com as plantas em uma prática de acolhimento, preservação cultural, cura e valorização da vida do povo negro.

Para Gonzalez (1988, p. 75), “a ancestralidade africana se mantém viva na oralidade, no corpo e nos gestos cotidianos que atravessam as gerações”. O gesto do acolhimento ganha caráter político, pois ao preservar a memória coletiva, resiste à desumanização histórica, enfatiza ainda que o afeto é uma forma de resistência. Em muitos lares, a avó preta significa mais que a matriarca, mas aquele sustentáculo para a família e, Cruz (2021, p. 140), observa que “no colo de vó não cabe apenas uma criança; cabe a comunidade inteira, com suas dores, medos e esperanças”. Nesse trecho, a dimensão do cuidado se expande e transforma-se em prática política de preservação coletiva.

Em “É preciso derramar leite”, Clara Anastácia desloca o olhar para a experiência da perda e do recomeço. O texto descreve uma manhã em que a autora decide preparar um bolo para se sentir próxima da tia-avó Bina, vestindo uma roupa sua e organizando a mesa com objetos carregados de memória e afeto. Ao derramar o leite no chão, é tomada por lembranças de 2008, quando viveu com Bina em um quarto alugado, após a tia ter sido roubada pelo marido. Nesse período difícil, apesar da dor pela perda, as duas encontravam força na comida preparada por Bina, nas músicas de Clara Nunes e nos rituais cotidianos que fortaleciam o espírito. A comida surgia como feitiço e resistência, transformando tristeza em coragem. A figura da tia-avó é de uma mulher forte, guerreira e ancestral viva, capaz de proteger e renovar as esperanças.

De volta ao presente, a narradora compreende que não chorava pelo leite derramado, mas pela força das memórias que a conectam às mulheres de sua família. Ela se reconhece como continuidade dessas ancestrais, entendendo que todas formam um tecido resistente de amor, luta e pertencimento.

> Inclinar o pescoço levemente para trás, olhar para o passado próximo e poder visitar uma ancestral viva me faz acreditar, finalmente, no que a minha própria tia-avó Bina fala “eu vejo você porque eu sou você”. Como sou a Bina, também sou minha Vó Wardecy, minha mãe Maria e sou também todas as mulheres da minha família. Somos um tecido resistente, feito pelas máquinas de tear que são as mãos da mais velha, minha tataravó Maria Delphina. Mulher negra, bruxa, a primeira “pitadora” de cachimbo da família, chamada de feiticeira. Todas nós viemos desse leite, desse ventre, desse porto seguro (Anástacia, 2021, p. 116-117).

Ao propor esse movimento, o texto rompe com o imaginário que associa a mulher negra exclusivamente à força inabalável, pelo contrário, reconhece a legitimidade da vulnerabilidade como parte da luta. Collins (2019, p. 48) explica que "o reconhecimento da fragilidade não enfraquece a resistência; pelo contrário, fortalece-a, ao permitir o recomeço em outras bases". No trecho acima citado, a narradora encerra dizendo "Todas nós viemos desse leite, desse ventre, desse porto seguro" (Anástacia, 2021, p. 117), sintetizando a ideia de que a resistência se constrói pela capacidade das práticas nas estruturas que sustentam a vida coletiva.

A narrativa se inicia com uma espécie de ritual, a toalha verde-mangueira, recamada em ponto-cruz na linha vermelha, ultrapassa a função de simples objeto doméstico. O verde pode ser interpretado como símbolo da vida, da fertilidade, da continuidade e da esperança, enquanto o vermelho remete à força vital, à proteção e à energia ancestral presentes em diversas tradições afro-brasileiras. Sendo uma peça "bordada e rezada" por Bina, a toalha transforma-se em um objeto de memória e de axé, carregando a presença espiritual da ancestral. O derramamento do leite constitui um momento de passagem entre os planos do cotidiano e da memória ancestral. O leite, tradicionalmente associado à maternidade, ao alimento e à origem da vida, transforma-se em rio e conduz a narradora a um reencontro espiritual com sua tia-avó. Como afirma Rodrigué (2001, p. 37), "O Ritual das Águas de Oxalá é o rito de renovação que constitui o ciclo de abertura do calendário litúrgico", uma riqueza cultural, um rito de passagem. Esse deslocamento sugere uma travessia entre tempos distintos, reafirmando a ideia de que a ancestralidade permanece acessível por meio das lembranças, dos afetos e da espiritualidade. Clara Anastacia (2021, p. 115), ao afirmar que "arrepiou o Orí", estabelece uma conexão direta com as cosmologias de matriz africana, assim explicada:

> Orí simboliza o princípio, a natureza original que, ao se fazer presente biológica e espiritualmente no ser humano, o individualiza, revelando a sua riqueza e seu mistério particular. Permite a ele viver a relação interativa com o axé do pai, ancestrais (antepassados) e Orixás (forças cósmicas), entodadas divinas (Rodrigué, 2001, p. 37).

O Orí, compreendido como a cabeça espiritual e sede da consciência e do destino, sinaliza que a experiência narrada não é apenas uma recordação comum, mas um acontecimento que mobiliza dimensões espirituais profundas. O movimento de inclinar a cabeça para trás e o adormecimento dos olhos "eu via seus olhos pequenos pretos se transformando em duas onças famintas" (Anastacia, 2021, p. 116), como sinais de uma

alteração de consciência. A narradora aproxima-se das experiências de transe e incorporação presentes nos terreiros. Não se trata necessariamente de uma incorporação literal, mas de uma abertura para o encontro com a memória ancestral e com os ensinamentos transmitidos pelas mulheres mais velhas da família.

A transformação dos olhos de Bina em onças famintas constitui uma das imagens mais fortes da narrativa. Em seguida, os olhos transformam-se em rios, imagem que remete à purificação, à renovação e à continuidade da vida. Nas tradições afro-brasileiras, a água frequentemente aparece como elemento de cura e de conexão entre mundos, reforçando o caráter espiritual da experiência vivida. A conexão da personagem com as suas tradições afro-brasileiras, essas imagens fortalecem a dimensão espiritual da narrativa e mostra uma transformação que vai além da experiência individual, alcançando significados coletivos, culturais e ancestrais significativos. Desse modo, a experiência vivida por Clara transcende o plano material e se configura no reencontro com suas raízes ancestrais. Ao reconhecer-se em sua tia-avó, a personagem reafirma a importância da memória, da ancestralidade e da herança cultural na construção de sua identidade e a permanência dos laços.

Assim como Clara Anastácia encontrava na voz de Clara Nunes uma conexão com suas raízes, na crônica Fomes, Cris Annie é envolvida pelos cantos de caboclos e pretas-velhas. Transmitidos entre gerações, esses cânticos preservam memórias, saberes e práticas de cura, fortalecendo os laços com a ancestralidade e a identidade afro-brasileira. A músicalidade para a população negra, é uma herança ancestral que representa força, resistência e espiritualidade.

Na crônica “Fomes”, Cris Annie deixa os sentimentos transbordarem e encontra na escrita uma forma de se expressar em uma noite fria e sem inspiração. Movida pela espiritualidade, ao som de cantos de Caboclas e Pretas Velhas, percebe que carrega muitas “fomes”: saudade da avó Carmem, desejo de seus abraços, conselhos e sabedoria, ausências que não podem ser plenamente saciadas. Entre o mundo externo, marcado por barulho, demandas, e o mundo interior, onde encontra calma, beleza e acolhimento, compreende a importância de voltar-se para si mesma. Recorda o ensinamento da avó sobre preservar a própria essência e reconhece que precisa se alimentar desse espaço interno para enfrentar as carências e desafios.

> Hoje, na verdade, eu que senti fome, ou melhor, fomes. Sim, várias fomes. Senti uma falta grande de minha vovó Carmem, senti fome de seus abraços, da sua voz... Essa fome não posso cessar, vou aqui me saciar com seus conselhos e sabedorias. Entrei em mu mundo e senti fome de me sentir, de olhar de dentro para fora, de buscar minha essência (Annie, 2021, p. 120-121).

Ao final, decide olhar mais para dentro, respirar e fortalecer-se, entendendo que cuidar de si é essencial para suportar as muitas fomes da existência, lembrando que, como diz Carolina Maria de Jesus (2020, p. 99), "quem deita com fome, não dorme". Quando lidas em conjunto, as crônicas revelam dimensões complementares, ao mencionarem a importância do saber das matriarcas das famílias das mulheres negras (avós). As narrativas convergem no reconhecimento de que a resistência das mulheres negras se dá tanto pela preservação da memória quanto pela capacidade de reinvenção.

As crônicas analisadas asseguram que a literatura escrita por mulheres negras constitui um espaço de produção de conhecimento, no qual a afetividade e a vulnerabilidade são ressignificadas como forças políticas. Ao dialogarem com os textos, demonstram que a experiência dessas mulheres não pode ser reduzida a um polo único de dor ou força, mas ser compreendida em sua complexidade, que envolve acolhimento, perda, cura e recomeço. O ato de construir sua própria narrativa, de produzir conhecimento a partir de sua experiência, significa assumir sua condição de sujeito:

> Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. [...] e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade da minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial pré determinou (Kilomba, 2019, p. 28).

Portanto, para Kilomba (2019), a escrita é uma forma de poder, é assumir o controle. Ao escrever sobre suas experiências, as mulheres negras assumem sua autonomia discursiva, se emancipam do silenciamento imposto por gerações. Assim, "Crônicas Carolinas" (2021) tornou-se um espaço de valorização dessas vozes, reforçando a centralidade da literatura negra na luta por emancipação cultural e social.

As crônicas organizadas por Eliana Alves Cruz reafirmam a importância da escrita de mulheres negras como espaço de memória, resistência, pertencimento e produção de conhecimento. Inspiradas pela trajetória de Carolina Maria de Jesus, essas mulheres encontraram na literatura a possibilidade de narrar suas próprias experiências, transformando vivências marcadas pelo racismo, pelo machismo e pelas desigualdades.

4 DIÁRIOS: DO COTIDIANO À ESCRITA

Frederico Coelho, conhecido por Fred Coelho, é pesquisador, escritor e professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduou-se e concluiu o mestrado em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e realizou o doutorado em Literatura pela PUC-Rio. Ao longo de sua trajetória acadêmica e intelectual, publicou diversas obras dedicadas à cultura e à literatura brasileira, entre elas: *Jards Macalé - Eu só faço o que quero* (2020), *Livro ou livro-me - Os escritos babilônicos de Hélio Oiticica* (2010), *A semana sem fim - Celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922* (2012) e *Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado - Cultura marginal no Brasil 1960/1970* (2010). Além da atuação acadêmica, também foi colunista do jornal O Globo entre 2015 e 2018, contribuindo com reflexões sobre literatura, arte e cultura contemporânea.

Fred Coelho, organizador da parte três da obra, intitulada "O diário dos diários de Carolinas*",* considera a tarefa como um grande desafio e estabelece o diário como estratégia para sua elaboração:

> Partindo de um duplo desafio - selecionar textos dentre 29 escritas e organizar uma publicação a partir de um diário fundador dos imaginários de escritoras pretas ao redor de todo o Brasil e do mundo -, pensamos coletivamente uma dinâmica que pudesse aprofundar o encontro criativo entre todas que faziam parte desta turma (Coelho, 2021, p. 146).

A declaração do organizador reflete sobre o desafio de reunir 29 relatos pessoais, fragmentos de vidas, em uma única obra. O autor ressalta a pluralidade das experiências, e o poder de transformar um diário, que geralmente é um relato íntimo e individual, em um espaço compartilhado de memórias, vivências e afetos. Esse desafio foi vivido pela própria Carolina, que escreveu grande parte de seus diários em *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria* sabendo da publicação próxima.

> Mais de duzentas mulheres pretas de todo o país foram selecionadas através de cartas que escreveram para homenageada. A partir daí, outras formas de produzir laços foram trançadas, através de encontro entre mulheres que, apesar de nunca terem se conhecido, ouviam suas histórias pessoais se transforarem em histórias coletivas (Coelho, 2021, p. 146).

A proposta do "diário coletivo" simboliza a importância da visibilidade de

trajetórias que, embora singulares, se conectam pela luta e pela criação de novos imaginários. Observa-se que o projeto torna-se um verdadeiro encontro de mundos, pois cada autora contribui com sua parte da história, tecendo uma narrativa conjunta que ecoa além das nossas fronteiras. Esse gesto reforça que os escritos contemporâneos necessitam com urgência de espaços que celebrem essa diversidade. Mesmo que não se conhecessem previamente, as autoras se reconheceram nos fragmentos das vivências umas das outras, que expressam a diversidade e a profundidade da experiência de mulheres negras no país.

Durante a realização das oficinas, em ano atípico devido a pandemia, a mudança do formato presencial para o virtual, embora inesperada, ampliou significativamente o alcance do projeto, permitindo que a feira, antes fortemente ligada à cena cultural carioca, se tornasse uma experiência de dimensão nacional (Coelho, 2021, p. 146). Mulheres negras de diferentes regiões do país foram selecionadas a partir de cartas escritas para Carolina, gesto que já indicava a construção de vínculos afetivos e literários. Cada autora compartilhou fragmentos de sua trajetória, formando um conjunto plural e coeso, marcado por uma escrita coletiva em que diferentes vozes dialogam sem perder suas singularidades (Coelho, 2021, p. 146).

O diário é uma forma de escrita cotidiana que surgiu a partir do século XVIII, derivado do francês *journal intime* (diário íntimo). Esse gênero caracteriza-se por uma série de registros pessoais, tendo como principal traço a presença da data, elemento responsável por organizar o tempo da narrativa e situar os acontecimentos vividos pelo sujeito (Lejeune, 2008, p. 260). Segundo o autor, inicialmente, o diário surgiu como uma prática de registro pessoal, depois passou a ser utilizado para acompanhar os movimentos do cotidiano e para escrever sobre o presente. No decorrer do tempo, entretanto, esse gênero ultrapassou o espaço íntimo e começou a exercer também uma função social e histórica, tornando-se um importante registro de memória.

Para Lejeune (2008, p. 260), “O Diário é um vestígio; quase sempre uma escritura manuscrita, pela própria pessoa, contudo o que a grafia tem de individualizante. É um vestígio com o suporte próprio: cadernos recebidos de presente ou escolhidos, folhas soltas furtadas ao uso escolar”. Por se tratar de um gênero breve e fragmentado, o diário não possui a intenção de continuidade narrativa, mas sim de registrar acontecimentos, sentimentos e experiências do momento em que ocorrem:

> A base do Diário é a *data*. O primeiro gesto do diarista é anotá-la acima do que vai escrever. “Quarta-feira, 2 de março de 1898”, escreve Catherine Pozzi Johann Heuchel e ainda mais preciso: “5. 4.91 - sexta-feira, dez para a meia-noite.” Chamamos “entrada” o “registro” o que está escrito sob uma mesma data. Um diário sem data, a rigor, não passa de uma simples caderneta. A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital. Uma entrada de um diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento (Lejeune, 2008, p. 260).

A escritora Carolina Maria de Jesus exemplifica essa dimensão ao transformar sua vivência cotidiana e a realidade de sua família em escrita diarística, registrando aspectos do seu cotidiano como sua rotina de leituras, escritas e de trabalho, sua relação com os vizinhos, suas opiniões sobre os acontecimentos cotidianos. Segundo Philippe Lejeune (2008, p. 262), “o diário constitui uma prática de escrita voltada para a preservação da memória e para a organização do tempo vivido”, ou seja, funciona como testemunho histórico e social de determinada época. Ao explicitar suas expectativas em relação à publicação de seus escritos, Carolina Maria de Jesus demonstra estar consciente do impacto que seus relatos poderiam causar. Em *Quarto de Despejo*, a autora escreve: “[…] Eu percebo que se este Diário for publicado vai magoar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas” (Jesus, 2020, p. 75). A partir dessa passagem, percebe-se que Carolina compreendia o alcance de sua escrita e o desconforto que poderia provocar.

Segundo Fernanda Miranda (2013, p. 46), o encontro entre o jornalista Audálio Dantas e Carolina Maria de Jesus foi um fato de grande relevância para a trajetória da escritora.

Tal encontro foi fundamental para ampliar a visibilidade de Carolina Maria de Jesus e inserir sua produção no cenário literário brasileiro:

> No caso de *Quarto de Despejo*, embora Carolina Maria de Jesus já praticasse a escrita há muito tempo, um fato determinante ocorrera em 1958: conheceu o jornalista Audálio Dantas na favela do Canindé, que se encantou com a descoberta dos seus escritos, incentivou a composição do diário, fez publicar e lançou no mercado o *diário de uma favelada*.
> A história da publicação do diário de Carolina Maria de Jesus é também a história do seu editor, que ficou internacionalmente conhecido à época como “o descobridor da escritora favelada”. A ele deve-se a seleção dos trechos publicados, o prefácio do livro e a preparação da recepção, estrategicamente construída em veículos midiáticos de prestígio no período: o Jornal *Folha da Noite* e a revista *O Cruzeiro*, que durante o tempo que antecedeu o lançamento levou ao público fragmentos escolhidos da obra e aspectos marcantes da história da autora (Miranda, 2013, p. 46).

Diante do cenário apresentado, após conhecer Carolina e seu diário, o jornalista Audálio Dantas teve um papel decisivo na preparação e divulgação da escrita de Carolina Maria de Jesus, ao contribuir para que seus escritos fossem organizados e publicados em forma de livro. Atualmente, a crítica vem estudando as diferentes supressões na edição da obra de Carolina, uma das primeiras autoras a questionar a edição da obra foi Elzira Perpétua (2014). A editora Companhia das Letras disponibiliza no site informações de que está publicando novamente as obras de Carolina. A iniciativa reúne e publica diferentes manifestações da sua produção literária, abrangendo escritos memorialísticos, romances, poesias, peças teatrais e narrativas curtas, muitas delas inéditas até então. A edição desse trabalho esta sendo coordenada por Conceição Evaristo e a filha de Carolina, Vera Eunice. Carolina Maria de Jesus dedicou-se à escrita de seu diário a partir das vivências com seus filhos na favela do Canindé, tendo sua obra acompanhada e divulgada por Audálio Dantas. As autoras presentes na Parte 3 de "O Diário dos Diários de Carolinas" (2021) inspiradas na obra *Quarto de Despejo,* escrevem o diário coletivo. Dessa forma, os textos reunidos nessa parte da obra dialogam com a experiência de Carolina Maria de Jesus e com a tradição da escrita diarística.

A parte 3 da obra *Carolinas* (2021), organizada por Fred Coelho, subverte essa relação da escrita individual, ao configurar-se como um diário coletivo, por ser elaborado a partir da reunião da produção de várias autoras negras, abordando diferentes temas que compartilham muitas vezes vivências em comum na sociedade brasileira. As autoras mostram o envolvimento e compartilhamento das questões sociais vividas por mulheres negras, periféricas em um país estruturalmente racista. De acordo com as reflexões de Lejeune (2008, p. 263), ao escrever, o sujeito traz consigo toda sua vivência e suas experiências em relação a outras pessoas e com o contexto em que está inserido.

O próprio título da obra, colocar o título aqui, joga com a palavra diário, que geralmente refere-se a um sujeito enunciador: neste caso, a terceira parte do livro trata-se de um diário, o diário coletivo, constituído a partir dos diferentes diários das autoras. A ampliação desse sentido traz força para as narrativas, que misturam-se, completam-se e ampliam-se na representação do cotidiano das mulheres negras.

> Se diários são textos em que a cronologia organiza o fluxo de experiências em uma escrita cotidiana, por que não pensar um diário em que cada uma das 29 vidas que ali se encontravam fosse compatilhada e, no final, se transformasse em um corpo coletivo? E se elas criassem histórias cujo horizonte fosse uma escrita coral, em que cada voz com sua singularidade funcionasse com a mesma força quando lida em conjunto? (Coelho, 2021, p. 146).

O diário coletivo é formado por múltiplas vozes que dialogam entre si, revelando diferentes experiências de mulheres negras na sociedade brasileira. As narrativas relatam os dias difíceis da pandemia de Covid-19 e diversas formas de violência produzidas pela necropolítica cotidiana e o racismo estrutural, presente tanto em práticas sutis quanto explícitas. Ao mesmo tempo, as narrativas evidenciam diferentes formas de resistência construídas a partir das lutas de raça, gênero e classe, associadas a gestos de amor, autocuidado e fortalecimento coletivo. Essas escritas também discorrem sobre maternidade, erotismo e sobre o refúgio que a literatura e a poesia oferecem em um contexto de diferentes desigualdades.

Ao reunir diferentes narrativas o organizador de "O diário dos diários de Carolinas", Fred Coelho, juntamente com as autoras da obra, transforma o diário em um espaço de construção de memória e representação das subjetividades contemporâneas. Assim, o capítulo revela um movimento coletivo de mulheres que, por meio da escrita, compartilham as suas experiências e lutas, revivem suas memórias se amparando na trajetória de Carolina Maria de Jesus, cuja produção literária é fundamental para a sociedade brasileira.

"O diário dos diários de Carolinas", apresenta as seguintes autoras: Fátima Farias; Fran de Paula; Fabiane Marques; Fernanda dos Santos; Heloá Laurentino; Fátima Santana; Giovana de Carvalho Castro; Geraldyne Mendonça de Souza; Erika Araújo; Heleine Fernandes; Fiama Ribeiro dos Santos; Eloísa Helena Alves da Silva; Érica Bispo; Heloísa de Souza; Ingrid de Paula; Joseane Lopes da Cruz Santos; Desirée Simões; Jamile Menezes da Silva; Evelin Pereira; Eduarda Rodrigues; Fernanda dos Mota; Janete Marques; Joelma Lopes da Cruz Santos; Gleiciele Oliveira; Helenice Ana Lopes; Flávia Paz; Eloisa Helena; Jéssica Santos Ferreira; Gabriela da Costa Silva; Joelma Gomes Ferreira; Eduarda Rodrigues e Gessica do Carmo Aquino.

Os textos que compõem o *corpus* desta parte da pesquisa apresentam narrativas inspiradas na escrita de Carolina Maria de Jesus e uma relação com uma dor profunda compartilhada pelo grupo de mulheres autoras: a morte de uma criança negra, um luto compartilhado historicamente, muito presente nas páginas dos diários analisados.

4.1 Os diários e o caso do menino Miguel

A parte "O diário dos diários de Carolinas", organizada por Fred Coelho, tornou-se um espaço compartilhado de memória, reflexão e testemunho social das experiências de mulheres negras. *Carolinas* (2021) amplia o conceito tradicional de diário ao apresentar

múltiplas vozes que narram acontecimentos do dia a dia e percepções sobre a realidade vivida no contexto social, marcado pelo racismo e sexismo. Entre os temas abordados na parte 3, “O diário dos diários de Carolinas”, destacam-se as desigualdades intensificadas durante o contexto da pandemia, revelando questões relacionadas às condições sociais, às vulnerabilidades econômicas e às experiências vividas por sujeitos marginalizados.

Assim, os diários organizados por Fred Coelho compartilham dores, como da mãe do menino Miguel, Mirtes Renata Santana de Souza, que perdeu o seu filho Miguel no dia 2 de junho de 2020. Seu filho caiu do 9º andar do edifício Pier Maurício de Nassau, em Recife, onde vivia a família de Sérgio Hacker (ex-prefeito da cidade), patrão de Mirtes.

No momento da tragédia, a criança estava sob os cuidados da esposa de Hacker, Sari Mariana Costa Gaspar Corte Real, já que a sua mãe, empregada doméstica na residência, passeava com o cachorro dos patrões. Mesmo não sendo parte de suas atribuições, Mirtes se submetia a desempenhar a função determinada pela patroa. Em tempos pandêmicos, a mulher negra, periférica, não tendo como deixar o filho sozinho em casa, se vê obrigada a levá-lo ao seu local de trabalho e a deixá-lo sob os cuidados de sua patroa para cumprir a função de cuidadora de animais.

Ao refletir sobre a divulgação da morte de Miguel, observa-se que o caso escancarou para todo o país questões sobre desigualdade social, racial e condições de vulnerabilidade enfrentadas por determinados grupos da população, especialmente mulheres negras mães. Para além das questões relacionadas à pandemia, o caso indicou como situações envolvendo crianças em contextos de fragilidade social estão frequentemente relacionadas à ausência ou insuficiência de políticas públicas de proteção e assistência. Tais fatos contribuíram para o interesse em analisar os diários relacionados ao tema da morte de Miguel e a necessidade de compreender os fatores sociais, históricos e institucionais que o atravessam. Sendo assim, a escrita é uma oportunidade de registrar criticamente situações que envolvem injustiça, abandono, impunidade e exploração, dentre outras formas de desigualdade.

Nesse contexto, vemos que, ao longo da história, muitas mulheres trabalhadoras constituíram-se como pilares fundamentais na preservação de valores e saberes familiares. E, para garantir seu meio de sobrevivência, muitas vezes foram e são subjulgadas:

> A mulher negra anônima sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família é quem, a nosso ver, desempenha o papel mais importante. Exatamente porque com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência nos transmite a nós, suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo (Gonzalez, 2020, p. 64).

Gonzalez (2020) reforça a questão da invisibilidade da mulher negra que, além de desempenhar papel fundamental no cuidado da casa, dos filhos e no trabalho, ainda não recebe o reconhecimento e cuidado social que merece. A mulher negra enfrenta as desigualdades de gênero, o racismo estrutural, a baixa escolarização e a falta de planejamento familiar que contribuem para o silenciamento de sua voz. Mesmo diante de dificuldades, a mulher negra, assim como tantas mulheres mencionadas em "O diário dos diários de Carolinas", continua sendo força e coragem, a exemplo de Carolina Maria de Jesus que sustentou laços familiares, culturais e afetivos, com sua música, poemas e escritas. Os relatos em *Carolinas* (2021) abordam temas necessários, que ainda perpetuam nosso cotidiano, expostos durante a pandemia do Covid:

> Enquanto escrevo e cozinho, penso nas palavras de Carolina e o quanto os alimentos e as palavras estiveram presentes em sua vida. A vida cotidiana não foi complacente com Carolina porque era do lixo que vinham as duas fontes de subsistência que ela tinha na vida. Foi do lixo que retirou seu sustento, tanto para o corpo quanto para a alma (Lima, 2021, p. 114).

Carolina Maria de Jesus por vezes retirou do lixo o alimento para o sustento de sua família, quanto os materiais para a sua escrita e a sua inspiração. Assim, mesmo em meio às dificuldades, a autora transformou a realidade em escrita, em expressão crítica que questiona a política por meio das palavras.

4.2 As marcas da desigualdade reveladas na morte do menino Miguel

O episódio envolvendo a morte de Miguel Otávio Santana da Silva, ocorrido em 2 de junho de 2020, no Recife, constitui um marco trágico que contempla profundas injustiças sociais, raciais e econômicas, presentes na sociedade brasileira. Esse caso permite discutir as circunstâncias imediatas da tragédia e as questões estruturais, como a vulnerabilidade social das trabalhadoras domésticas, a diferença de acesso a cuidados infantis e as relações de poder que atravessam o cotidiano das famílias negras brasileiras.

Utilizamos os diários para análise crítica do contexto de vulnerabilidade e violência ao qual corpos negros são historicamente expostos. Como canta Elza Soares em tom de denúncia, "a carne mais barata do mercado foi a carne negra" (Soares, 2002, faixa 6), a sociedade naturaliza desigualdades que atingem, sobretudo, mulheres e crianças negras. Nesse sentido, a escrita das autoras reunidas em *Carolinas* (2021) revela uma dor coletiva:

o sofrimento compartilhado por mulheres negras que enfrentam a perda de seus filhos, transformando o luto em memória e a união das mães negras em busca de justiça.

No diário descrito como 8 de maio, a autora expressa o impacto doloroso da morte de Miguel, uma criança de apenas cinco anos. Nessa página, a autora Geraldyne Mendonça de Souza relata que acorda sobressaltada, desejando que a notícia fosse apenas um pesadelo, mas logo encara a realidade de que mais uma vida negra foi interrompida cruelmente e destaca a vulnerabilidade que existe na sociedade simplesmente pela pessoa possuir determinada cor de pele:

> s/d
>
> Já acordei sobressaltada. Sei que notícia ruim chega rápido. Chega mesmo! Queria que fosse mentira, engano, devaneio, pesadelo, mas não era. Não é. Miguel voou e agora está junto do Deus pai. A patroa da sua mãe apertou o botão e o mandou pro céu. Anjo Miguel partiu. 5 anos ele tinha. Mais um dos nossos, morto. Nossa cor segue sendo a preferida, ela alimenta a crueldade dos privilegiados que enriquecem às custas de nossa dor (Souza, 2021, p. 155).

A mídia pulveriza esses acontecimentos, mercantiliza as informações, sem filtro e sem pudor, sem respeito às vítimas, e isso marca a construção dos diários. Ao mencionar que a patroa da mãe "apertou o botão e o mandou pro céu", a autora evidencia a indignação diante de uma tragédia marcada por negligência. A perda de Miguel é apresentada como parte de uma dor coletiva, que atinge repetidamente a população negra. Lélia Gonzales (2020, p. 202) argumenta "É por ai que a gente deve entender que esse papo de que a miscegenação é prova da "democracia racial" brasileira não está com nada e explica que:

> Enquanto a escrava de eito foi utilizada para, com o seu trabalho enriquecer os senhores escravistas e fortalecer o tipo de sistema econômico imposto pelos portugueses, a mucama foi utilizada para garantir o lazer e o bem-estar de seus senhores: de sua senhora, na medida em que lhe cabia todo o trabalho doméstico, além de cuidar das crianças brancas desde o seu nascimento (foi por aí, enquanto ama de leite e babá, que ela se transformou na famosa mãe preta; de seu senhor, na medida em que era utilizada como objeto de sua violência sexual (Gonzalez, 2020, p. 202).

De acordo com Gonzalez (2020, p. 202), existe a falsa cultura de que negros e principalmente escravizados eram considerados como "parte da família". Quando na verdade eram/são explorados e convencidos de que vivemos em harmonia, o que existia e ainda existe, é uma forma de encobrir a violência, a opressão e os abusos tão corriqueiros aos invisibilizados.

A morte trágica do menino Miguel mostrou a vulnerabilidade de uma criança que, longe dos cuidados da mãe, ficou totalmente exposta ao descuido social e à falta de humanização na sociedade contemporânea. Em outro trecho do diário, é feito o seguinte registro:

> s/d
>
> Já passou uma semana e ainda me mandam imagens do Miguel. Hoje, um colega de trabalho me mandou um vídeo da câmera de segurança do prédio. Pra que eu quero ver isso, meu Deus? Já dói sem ver nada. Miguel parece muito com o meu sobrinho (Souza, 2021, p. 161).

A autora relata que tem vivido dias recolhida em si mesma, tentando elaborar as emoções despertadas por notícias recentes, especialmente pela morte de uma criança negra de cinco anos. A violência, neste caso, é ampliada indefinidamente com a divulgação do vídeo da mãe que chega ao prédio e encontra o filho morto. Para a autora deste trecho do diário (2021, p. 160), nada é tão brutal quanto a morte preta na infância. Sentimentos intensos se misturam: raiva, perplexidade, negação, tristeza profunda, até alcançar o limite do suportável.

No trecho "Já que morremos todos os dias!? Morremos e renascemos diariamente há séculos!" (Bispo, 2021, p. 166), do texto intitulado "Vidas negras importam?", expressa a dor coletiva vivida por mulheres negras diante da morte de crianças negras. A voz que fala reconhece um sofrimento que, embora não seja individual, torna-se seu também, uma dor partilhada, que atravessa corpos e histórias. Ao garantir que, quando uma criança falece, todas as mães falecem junto, o texto mostra o peso que recai especialmente sobre as mães pretas, que sentem esse luto de forma recorrente e histórica.

A página abaixo aponta o abalo profundo de uma professora diante do assassinato de Enzo Gabriel, aluno da escola onde trabalha. Entre raiva e tristeza, a professora questiona por que as aulas não foram suspensas e sente que o luto não teve o espaço necessário.

> s/d
>
> Foi difícil trabalhar hoje, eu só queria chorar. Toda a escola estava abalada com a morte do Enzo Gabriel. Não entendi por que a aula foi suspensa. O calendário já está tão cagado, mais um dia não faria diferença. Deveríamos ter direito a uma semana de luto, um dia que fosse (Bispo, 2021, p. 171)

Tomada pela indignação, a autora revisita suas escolhas: acreditava que lecionar na comunidade daria sentido à sua vida, que a educação poderia abrir caminhos e renovar esperanças. No entanto, diante de tiroteios constantes, da precariedade e da repetição das

perdas, a professora sente-se impotente e frustrada. A desigualdade salta aos olhos ao comparar a realidade da favela com a do “asfalto”, onde ela imagina que tal descaso não seria tolerado. Por último, permanece a sensação de abandono e desumanização: a favela segue como espaço descartável, onde vidas parecem valer menos. O luto se mistura à consciência amarga de que pouco mudou ao longo dos anos, desvelando a dor e o sentimento de injustiça.

O texto expressa o impacto da morte de mais uma criança negra, que reacende uma dor profunda e pessoal. Ao ligar a televisão e ver a notícia, a autora se reconhece naquela história: a criança era preta, a mãe também, igual a ela e a sua própria mãe. A perda deixa de ser distante e atravessa-a intimamente. Incentivada pela terapeuta, a autora tenta escrever para elaborar o luto, buscando na imaginação uma forma de suportar a realidade. Contudo, por mais que tente criar outras narrativas, seus pensamentos retornam a Miguel, à imagem de um menino que parecia mirar o céu e acabou no chão. Souza (2021), lembra os versos de Emicida: “ter pele escura é ser Ismália”, e reconhece na metáfora a condição dolorosa de existir entre sonho e queda, entre esperança e brutalidade. A escrita surge, então, como tentativa de permanecer viva diante da dor.

4.3 Reflexões sobre a morte de crianças negras

O racismo estrutural no Brasil é um acontecimento que atravessa séculos e carrega marcas deixadas pelo processo de escravidão. A diáspora africana provocou o rompimento cultural do povo negro, produzindo impactos sociais que permanecem na contemporaneidade. A violência contra corpos racializados se manifesta veladamente em todos os setores da vida do ser humano. Entretanto, tais práticas raramente resultam na punição dos agressores, que frequentemente compartilham os mesmos ambientes e quase sempre são indivíduos brancos, detentores de poder econômico, condição que contribui para a manutenção da impunidade. Segundo Frantz Fanon (2020, p. 133), o racismo produz processos de desumanização e exclusão que afetam profundamente a subjetividade da população negra.

De acordo com notícias veiculadas e divulgadas pelos diferentes meios de comunicação, as imagens registradas pela câmera do elevador do edifício Pier Maurício de Nassau, revelam que a empregadora da mãe de Miguel, ex-primeira-dama de um município localizado a aproximadamente 100 quilômetros de Recife, autorizou que a criança utilizasse o elevador desacompanhada. Sozinho, Miguel ingressou no equipamento e, em seguida, sofreu a queda fatal do nono andar.

As gravações realizadas pelas câmeras do prédio e divulgadas publicamente expõem a sequência do acidente e a tentativa da criança de alcançar a mãe. A situação transparece falta de supervisão adequada, uma vez que Miguel estava sob a responsabilidade de uma pessoa adulta, que não se ocupou de cuidá-lo. O contexto foi agravado pelas desigualdades sociais e pela posição ocupada por Mirtes enquanto trabalhadora doméstica. No romance *Solitária* (Cruz, 2022), a personagem Camila, jovem burguesa, também deixa o pequeno Gilberto sozinho e o pior acontece:

> O que ninguem viu foi que Camila colocou o garoto no quarto da mãe – o mais confortável – , deu papéis para desenhar e fechou a porta, mas não a janela. Gi subiu na cômoda para alcançar o parapeito e chamar pela mãe. Ele se desequilibrou, derrubando o espelho no chão com uma das pernas, deixando ali um dos pés de seu chinelo, e o outro voou junto com o menino para a laje de cimento do pátio (Cruz, 2022, p. 130).

Nos dois episódios, o caso Miguel e o caso Gilberto, a falta de supervisão adequada no trato com a criança é fator preponderante. A ausência de responsabilidade de quem deveria garantir a proteção da criança resulta em consequências irreversíveis. No trecho de *Solitária* (2022), a atitude de Camila demonstra uma confiança irresponsável de que nada acontecerá, mesmo diante de uma situação claramente insegura. A narrativa constrói uma crítica às práticas muitas vezes naturalizadas de descuido que colocam em risco vidas indefesas. Segundo a escritora Carine (2024, p. 72), "nenhum crime de racismo pode ser tratado como algo pontual, por mais que a lei os coloque nesse lugar, que o racista seja preso ao cometer o crime". Entretanto, o que observamos no cotidiano, seja por meio das notícias veiculadas nos jornais ou em sites, mostra uma realidade distinta: a impunidade prevalece no sistema de justiça.

Em meio a esse cenário, repetem-se histórias de mães que perdem seus filhos; independentemente das circunstâncias, a dor é sempre a mesma para quem a vive. Essa situação remete à reflexão de Lélia Gonzalez (2020, p. 47) sobre como os corpos negros, especialmente de mulheres e crianças, estão historicamente subordinados às relações de poder patriarcais e raciais, muitas vezes relegados à invisibilidade social. A tragédia de Miguel desvela a materialização dessas estruturas, em que a vulnerabilidade se manifesta pela ausência de cuidado e pelo risco constante a que estão submetidos corpos racializados.

O episódio instiga importantes reflexões sobre a responsabilidade social e legal dos adultos envolvidos. Conforme exposto no diário de "8 de maio" (Souza, 2021, p. 155), a atitude de Sari Mariana, patroa de Mirtes, que deixou Miguel em situação de risco,

configura negligência. Semelhante situação pode ser percebida também em *Solitária* (2022), quando a personagem tenta omitir a negligência de sua filha, que estava responsável pelo cuidado da criança:

> D. Lúcia falou baixo comigo e levei um susto. Eu estava muito mergulhada na dor por Luzia, pela criança, por todas nós… Ela fez um sinal discreto para que eu a seguisse.
> – Era eu quem estava aqui quando o garoto se acidentou, ouviu, Eunice?
> – Como assim, d. Lúcia? A senhora chegou e o menino já tinha caído e…
> – Não interessa. É isso o que você vai dizer à polícia. Eu sei me virar. Já combinei com todo mundo. D. Lúcia mais uma vez escondia e desculpava os erros da filha (Cruz, 2022, p. 123).

Portanto, percebe-se a negligência que ocorre em contextos de desigualdade e, neste caso, envolvendo crianças. Não são apenas acontecimentos individuais ou isolados, fazem parte de uma estrutura marcada por privilégios, silenciamentos e relações desiguais de poder. Tanto no caso de Miguel quanto na narrativa de *Solitária* (2022), há a representação da tentativa de ocultar responsabilidades e preservar aqueles que ocupam posições socialmente favorecidas, enquanto as mulheres negras e pobres permanecem mais expostas à dor, à culpa e à violência.

4.4 Dororidade e desigualdade

A experiência da dor vivenciada por mulheres negras apresenta recorrências que evidenciam semelhanças estruturais, sobretudo quando observadas a partir de contextos sociais marcados pela desigualdade, pela vulnerabilidade e pela ausência de políticas efetivas de proteção social. Essas experiências não se restringem ao âmbito individual, são influenciadas por condições históricas que incidem diretamente na maternidade, no luto e na sobrevivência. Nesse sentido, é possível identificar aproximações entre diferentes narrativas de sofrimento, nas quais a dor se manifesta como resultado de estruturas sociais que se repetem e se reproduzem ao longo do tempo.

Vilma Piedade, em *Dororidade* (2017, p. 47), diz que “a opressão racial e de gênero cria condições de vulnerabilidade nos corpos negros que não podem ser dissociadas das estruturas sociais em que estão inseridos”. A tragédia de Miguel não pode ser compreendida isoladamente, mas sim como resultado de um conjunto de fatores estruturais: disparidade socioeconômica, ausência de políticas públicas eficazes de cuidado infantil e condições precárias de trabalho para mulheres negras. As desigualdades sociais e raciais influenciam diretamente as condições de vida e proteção das crianças mais vulneráveis.

Crianças negras e pobres tornam-se as principais vítimas de uma estrutura marcada pela exclusão e pela desigualdade social.

A comoção pública assegura a solidariedade e uma crítica implícita às estruturas sociais que naturalizam a vulnerabilidade das crianças negras e de famílias trabalhadoras. A análise do episódio envolvendo Miguel, a partir de "O diário dos diários de Carolinas" de Fred Coelho, permite compreender a dimensão do acontecimento, pois, de acordo com Sueli Carneiro (2023, p. 95), "[…] colonialismo e racismo se constituíram enquanto aparato global de destruição de corpos, mentes e espíritos, pela vinculação e subordinação da sobrevivência cognitiva do dominado aos parâmetros da epistemologia ocidental". Partindo da reflexão da escritora, observa-se, como já dito, que o racismo atua também no campo epistemológico, isto é, na forma como determinadas vidas são percebidas, valorizadas ou negligenciadas socialmente. Crianças negras e famílias trabalhadoras estão inseridas em uma lógica social marcada pela desigualdade e pela desumanização construídas desde o período colonial. O caso do menino Miguel e de tantos outros que acontecem diariamente no país expõe a importância e a necessidade de questionar as estruturas que naturalizam a violência e a precarização das vidas negras.

O descaso em relação a uma criança negra e pobre é um sintoma das desigualdades estruturais que marcam a sociedade brasileira. Tal situação ilustra a necessidade de construção de uma epistemologia crítica que reivindique políticas públicas efetivas voltadas à escolarização da população negra, à promoção da equidade educacional e ao fortalecimento das redes de cuidado infantil.

A dor da perda é devastadora e o conceito de dororidade, cunhado por Vilma Piedade (2017), expressa o sofrimento coletivo das mulheres negras diante de experiências de luto e violência. Essa perspectiva torna-se particularmente pertinente ao analisar a tragédia vivida por Mirtes Renata Santana de Souza, mãe do menino Miguel, mulher preta e empregada doméstica que, ao sair para passear com o cão de sua patroa, deixou seu filho sob condições de risco extremo, negligenciado pela responsável direta.

A dor de Mirtes não é individual, ressoa na experiência de outras negras que compartilham condições de vulnerabilidade e opressão. A dororidade simboliza a solidariedade afetiva e a partilha do sofrimento entre mães negras, revelando como a perda, a injustiça e a precariedade social se entrelaçam na vida dessas mulheres:

> Tem uma dor constante que marca as Mulheres Pretas no cotidiano - a dor diante de uma perda. E, nesse jogo cruel do Racismo, quem perde mais? Quem está perdendo seus filhos e filhas? Todos Pretos. Todas Pretas. A resposta *tá* estampada nos dados oficiais sobre o aumento do Genocídio da Juventude Preta. Doridade. Mas, agora, tá na hora de pensar em que direção um conceito se manifesta, se move, se insere, se diz. Se diz com, por e para (Piedade, 2017 p. 18).

Vilma Piedade (2017) e Lélia Gonzalez (2020) lembram que corpos negros, historicamente marcados pela vulnerabilidade social e econômica, devem ser centrais na análise das políticas públicas e práticas sociais. O modo como essas mortes acontecem e são naturalizadas, expõe a negação e invisibilização dos saberes e vivências de mulheres negras, evidenciando o modo como raça, gênero e classe se entrelaçam para produzir vulnerabilidades múltiplas. Mães negras protegem seus filhos em rito e força, mesmo diante do racismo estrutural e da fragilidade das políticas públicas, que colocam mães negras e seus filhos em risco.

Embora a vida seja marcada por múltiplas nuances e o tempo revele, pouco a pouco, as marcas, os afetos e as transformações da existência humana, a literatura permanece como um lugar privilegiado de encontro. É por meio dela que experiências individuais e coletivas se tornam narráveis, permitindo que cada sujeito possa se expressar através da sua escrita.

> 27 de junho
>
> A escrita veio para me apetecer e me acalenta, para que eu não me esquecesse da gostosa sensação do que é ter um lar. Ao terminar as minhas jornadas de trabalho por vezes escrevia, ás vezes no ônibus, outras no metrô a caminho de lugar-nenhum, ao encontro de uma não-família. Na escrita eu me sinto part, querida.O escrever me leva prum lar, um espaço que também é meu.Escrevo para me sentir em casa outra vez. (Santos, 2021,p.171)

Em seu diário, Santos (2021) revela a escrita como um lugar de acolhimento, pertencimento e reconstrução de si, especialmente para as mulheres negras cujas trajetórias foram historicamente marcadas por desigualdades, desafios e pela busca de reconhecimento. Nessa perspectiva, escrever ultrapassa o exercício estético e torna-se um gesto de existência, memória e resistência.

Essa compreensão diáloga com a experiência de Carolina Maria de Jesus (1960), cuja obra *Quarto de Despejo* (1960) apresenta a escrita como uma forma de reconhecimento da própria humanidade diante das adversidades encontradas, nas

experiências desafiadoras do cotidiano. No diário de escrito por Joelma Lopes da Cruz Santos (2021), a autora mostra como a emoções, sao reveladas escrever sobre as suas fagilidades, demostra a sua preocupação de como as pessoas enxergam suas singularidade humana.

> 25 DE JUNHO DE 2020, QUINTA-FEIRA
> Quando escrevo, escaneio minhas emoções, meus pensamentos, sinto-me despedia, a ideia de que o outro me veja através da escrita me causa a sensação de espancamento. Tenho medo de que, ao me expor, outro zombe da minha dor, pisoteie as marcas deixadas pela minha caminhada. Na verdadade, escrever faz com que eu toque as minhas emoções e sem intenção, provoque em mim algum tipo de sentimento que me leve ao bloqueio, ao não acreditar no meu potencial. (Santos, 2017 p. 184).

O diário escrito por Santos (2021), apresenta que a escrita, constituindo-se como uma prática de autorreflexão e de exposição das suas vivências. Ao registrar suas emoções e a autora confronta seus medos e inseguranças, ao mesmo tempo em que expressa o receio de ter sua dor deslegitimada ou ridicularizada.

Nesse sentido, o diário, embora seja um gênero marcado pela intimidade, desperta a curiosidade do leitor por possibilitar a compreensão das experiências e da realidade vivida pelo escritor.

Essa característica pode ser observada na obra *Quarto de Despejo* (2020), de Carolina Maria de Jesus (1960), na qual a autora registra seu cotidiano, suas emoções e as dificuldades enfrentadas na favela. Em um dos trechos da obra, afirma: "Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar tudo. Porque eu tinha só feijão e sal. E amanhã é domingo" (JESUS, 2020, p. 100).

Através da sua obra, escrita em forma de diário Carolina Maria de Jesus mostrou a cada registro a dura realidade atraleda a fragilidade econômica, das pessoas que moravam na favela vivendo o verdadeiro abandono social. Segundo Lejeúne o diário ocupa esse lugar de registrar, guardar e de escrever sobre o presente.

> Mantém-se enfim um diário porque se gosta de escrever. É fascinante transformar-se em palavras e frases e inverter a relação que se tem com a vida ao se auto-engendrar. Um caderno no qual nos contamos é uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá (Lejeune, 2008, p. 264).

Carolina Maria de Jesus escrevia para registrar os acontecimentos ao seu redor. Em seus escritos, descreve a realidade da favela a partir de seu próprio olhar. Seu diário também expressa o afeto dedicado aos filhos, preservando suas memórias e sua trajetória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado permitiu constatar que a influência de Carolina Maria de Jesus (1960) ultrapassa o campo da inspiração, também se configura como um processo formativo, estético e afetivo a escrita das autoras participantes da obra. Percebe-se que a coletânea se estabelece como um espaço de encontro entre diferentes trajetórias de mulheres negras, reunidas pela palavra, pela memória e pelo desejo comum de narrar suas próprias experiências.

Os resultados da pesquisa demonstram que a literatura caroliniana continua exercendo papel fundamental na formação de novas escritoras, principalmente mulheres negras. A escrita de Carolina Maria de Jesus (1960) rompe com séculos de silenciamento e abre caminhos para que outras mulheres negras se reconheçam como seres capazes de produzir textos literários e que suas experiências, além de testemunho, têm grande poder para influenciar e transformar outras vidas, de outras tantas mulheres negras.

Aspectos presentes nas narrativas analisadas, nas quais memória, cotidiano, ancestralidade, afeto e resistência constituem elementos centrais da construção textual. Nesse sentido, a coletânea *Carolinas* (2021) apresenta que a escrita produzida por mulheres negras contemporâneas se configura como continuidade e, ao mesmo tempo, renovação do legado deixado por Carolina Maria de Jesus.

As autoras que compõem a obra *Carolinas* (2021) dialogam com questões como o racismo, a desigualdade social, a exclusão educacional, a luta pela dignidade. Elas incorporam as experiências de mulheres negras, como o amor, o autocuidado, a maternidade, os afetos, a espiritualidade, os desejos. Dessa forma, os textos da coletânea enfatizam que a experiência da mulher negra deve ser compreendida em toda a sua complexidade e pluralidade. Nesse contexto, as reflexões teóricas de autoras como Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Vilma Piedade e Grada Kilomba contribuíram significativamente para essa compreensão.

Outro aspecto importante observado durante a pesquisa refere-se ao papel das oficinas literárias promovidas pela Festa Literária das Periferias (FLUP), na constituição de espaços de acolhimento, formação e fortalecimento de novas escritoras negras. Mais do que ensinar técnicas de escrita, esses encontros possibilitaram a construção de redes de apoio, reconhecimento mútuo e partilha de experiências. A literatura aparece, nesse contexto, como uma prática coletiva, capaz de promover pertencimento, atuação social e cultural.

O processo de escrita desenvolvido pelas participantes revela que produzir literatura também significa ocupar espaços historicamente negados, reivindicando o direito de narrar a própria história e de produzir conhecimento a partir de perspectivas negras e periféricas.

A análise da parte 2 “Crônicas Carolinas” e da parte 3 “O diário dos diários de Carolinas” da coletânea *Carolinas* (2021) permitiu a compreensão de que a organização da obra se aproxima da ideia de aquilombamento, entendida como prática de construção coletiva, solidariedade e fortalecimento comunitário. As autoras reunidas em *Carolinas* (2021) formam uma rede de vozes que se conectam por experiências compartilhadas, respeitando suas particularidades. Nesse movimento, a literatura torna-se espaço de resistência política, elaboração subjetiva e transformação social.

A trajetória de Carolina Maria de Jesus (1960) na coletânea funciona como elemento estruturante, orientando os processos de formação, criação e reconhecimento, e surge como símbolo de uma tradição literária negra. A escrita de Carolina (1960) permanece atual porque continua dialogando com problemas que ainda permanecem na sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, inspira novas possibilidades de existência e representação.

Portanto, esta pesquisa confirma que a literatura produzida por mulheres negras desempenha papel fundamental na ampliação das vozes presentes no cenário literário brasileiro. As autoras registram suas experiências de vida e contribuem para a construção de novas formas de compreensão da história, da cultura e da sociedade, além de ocuparem o espaço da escrita literária, com narrativas que desafiam e confrontam estereótipos.

Por fim, conclui-se que *Carolinas:* a nova geração de escritoras negras brasileiras (2021) constitui uma obra de grande relevância para os estudos literários contemporâneos, especialmente por destacar a permanência e a grandeza do legado de Carolina Maria de Jesus (1960) .A coletânea trouxe evidencias que sua voz continua ecoando nas escritas de mulheres negras que transformam vivências em literatura, memória em resistência e palavra em possibilidade de futuro. Mais do que uma homenagem, *Carolinas* (2021) representa a continuidade de um movimento literário que apresenta a escrita como direito, espaço de pertencimento e de transformação. Assim, a coletânea *Carolinas:* a nova geração de escritoras negras brasileiras (2021) desmostra que Carolina Maria de Jesus (1960) permanece como presença viva na formação de novas gerações de escritoras que seguem catando palavras para reescrever histórias, ampliar horizontes e ocupar, com legitimidade, os lugares que por tanto tempo lhes foram negados.

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIA, Clara. **É preciso derramar leite**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

ANNIE, Cris. **Fomes**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre a literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARQUIVO NACIONAL. Prêmio P. Skidmore. Disponível em: https://premios.an.gov.br/index.php/premio/pskidmore. Acesso em: 10 dez. 2025.

BRAGA, Cianna. **Colo de vó**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

BISPO, Erica**. Junho**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

BRITTO, Milena. **Parte 7 Vedetes da Favela**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. *In*: Para gostar de ler: crônicas (Vol. 5). São Paulo: Ática, 1981.

CAMPOS, Clarice. **Sapato Novo e pé no chão**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. Bahia: Planeta do Brasil, 2024.

CASTELLO, José Aderaldo**. Crônica, um gênero brasileiro. Suplemento Literário Rascunho: um jornal de literatura do Brasil**. Setembro de 2007. Disponível em: https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/cronica-um-genero-brasileiro/. Acesso em: junho de 2026.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

COELHO, Fred. **Parte 3 Diário dos Diários**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORRA! (Saia). Direção: Jordan Peele. Produção: Jason Blum, Edward H. Hamm Jr., Sean McKittrick, Jordan Peele. Universal city: Blumhouse/Monkeypaw Productions/QC Entertainment/Universal Pictures, 2017. 1 Filme (104 minutos).

COSTA, Cristiane. **Parte 1 Fazer da literatura sua morada**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

CRUZ, Eliana Alves. **Parte 2. Crônicas Carolinas**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

CRUZ, Eliana Alves. **Solitária**. Companhia das Letras, São Paulo, 2022.

ÉGA, Françoise. **Cartas a uma negra**. São Paulo: Todavia, 1976.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências: identidade, gênero e violência na literatura de autoria feminina negra no Brasi**l. Revista Estudos Feministas, n. 25, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Macabéa: flor de mulungu**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: UBU Editora, 2020.

FARIA, Alexandre. **Parte 5 – Ontem, hoje, amanhã, Carolinas**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. **Como estão os direitos humanos da população negra? Uma análise dos dados do Censo 2022 (IBGE)**. Geledés, [s.d.]. Disponível em: https://www.geledes.org.br/censo-2022. Acesso em: 10 junho 2025.

GOBBATO, Caelí da Silva. **Jogo de dentro**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Elefante, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Edição comemorativa. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Ipsis. 1. ed. Rio de Janeiro, Cobogó 2019.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Bruna. **Amor em linhas d'água**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

LISBOA, Ana Paula. **Quilombo Dona Carolina**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

LUDEMIR, Júlio. Prólogo. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). **Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). **Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

MOONLIGHT: sob a luz do luar (*Moonlight*). Direção: Barry Jenkins. Produção: Adele Romanski, Dede Gardner e Jeremy Kleiner. Miami/Nova York: Plan B Entertainment/Pastel/A24, 2016. 1 Filme (111 minutos).

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documento de uma militância pan-africana**. 1. ed.- São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2019.

NASCIMENTO, Lucy Miranda do. **Do retorno à encruzilhada (afro)espistemológica: Perspectivas sobre a Literatura Latino-americana em Gregorio Martínez Navarro e Manuel Zapata Olivella**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Cuiabá-MT, 2023.

PANTERA negra (*Black Panther*). Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige (Marvel Studios). Burbank, Califórnia: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2018. 1 Filme (134 minutos).

PEREIRA, Evelin. **Sexta-feira**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. **Orí Àpérè ó: Ritual das Águas de Oxalá**. São Paulo: Selo Negro Edições da Summus Editorial, 2001

SANTANA, Caroli. **Minha Mãe é cor**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

SANTOS, Carolina. **Amor preto Cura**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

SANTOS, Joelma Lopes da Cruz. **8 de julho de 2020**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

SILVA, Camila de Oliveira. **Entre a rua, este quarto e o ser**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

SILVA, Célia Regina. **Mãe – Palavras!** *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

SILVA, Ellidhy Oliveira da. SANTOS, Karine de Souza. ALMEIDA, Raquel Aparecida Sampaio de. **Epistemicídio da população negra: desdobramentos na educação brasileira, breve histórico e práticas urgentes**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo São Paulo, 2023.

SOUZA, Geraldyne Mendonça de. **8 de maio**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Amarelíneas**. *In*: LUDEMIR, Julio (org.). Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; FLUP, 2021.